



CARLOS STEGER

A verdadeira espiritualidade é como um perfume que não se pode esconder

HISTÓRIA

Quem se esquece do passado está condenado a repeti-lo

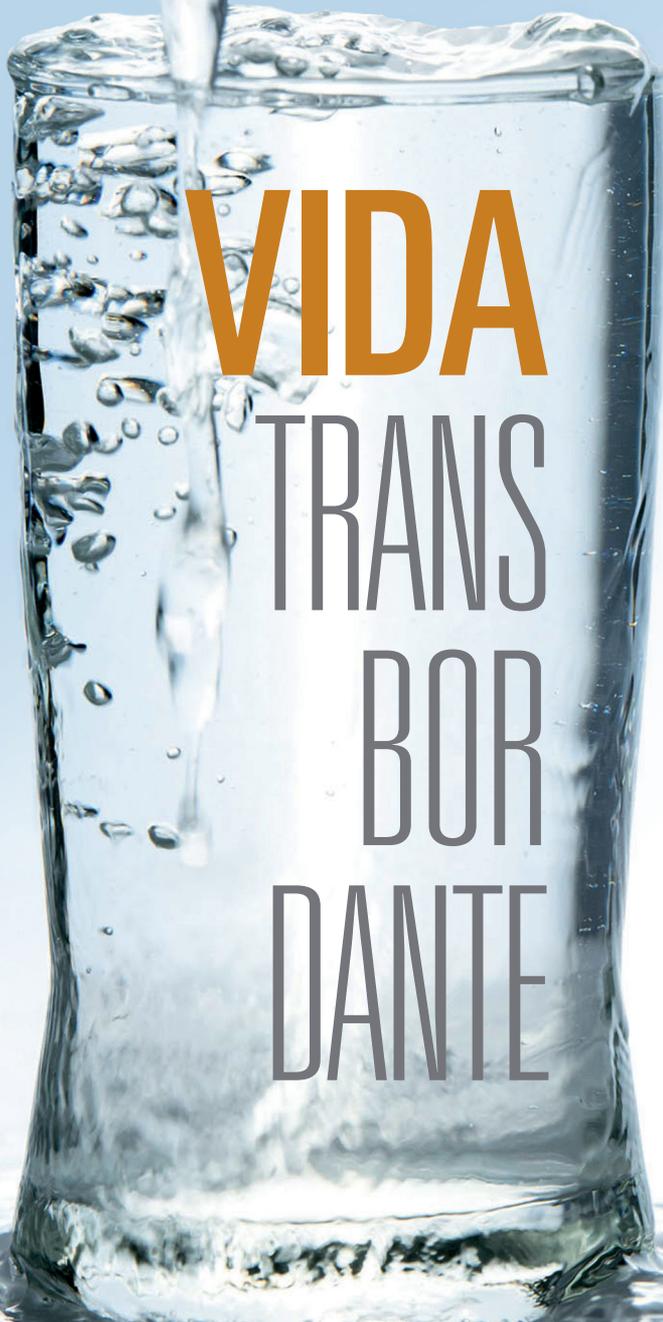
TEOLOGIA

A apologética como ferramenta para um pastorado eficaz

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 16,28



VIDA
TRANS
BOR
DANTE

O pastor e o desenvolvimento de sua espiritualidade

MAR-ABR • 2019



ISSN 2236-7071

00542

9 1772236707107

RENASCIDOS

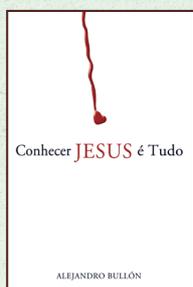
NOVO CORAÇÃO

SEMANA SANTA

13 A 20 DE ABRIL



MKT CPBI | Fotolia



Conhecer Jesus é Tudo

R\$10,90
Cód.: 5100



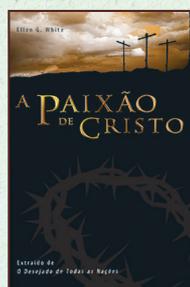
Foi por Você

R\$2,00
Cód.: 5976



Guerra no Céu

R\$18,20
Cód.: 14623



A Paixão de Cristo

R\$19,20
Cód.: 8644



Caminho a Cristo

R\$23,30
Cód.: 16262



Jesus Tu és a Minha Vida

R\$12,90
Cód.: 5179



Milagres de Cristo

R\$15,00
Cód.: 10415



Transformados por Seu Amor

R\$21,50
Cód.: 8778



Pelo Sangue do Cordeiro

R\$27,80
Cód.: 15436



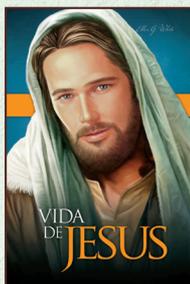
Salvação para Todos

R\$12,80
Cód.: 16575



Quando Tudo Falha

R\$9,90
Cód.: 5043



Audiolivro Vida de Jesus

R\$15,50
Cód.: 11498



Pecado e Salvação

R\$29,40
Cód.: 13165



O Amanhã Começa Hoje

R\$23,60
Cód.: 5230



Reavivamento Verdadeiro

R\$9,20
Cód.: 12383

Toque a trombeta

O cenário profético apresentado em Joel capítulo 2 indica alguns detalhes importantes referentes ao tempo do fim. Seu trecho mais conhecido (Jl 2:28-32) foi citado por Pedro no sermão do Pentecostes (At 2:16-21), e seu cumprimento pleno ainda está no futuro, quando o Espírito Santo será derramado profusamente antes da consumação final.

Essa ideia do duplo cumprimento tem sido entendida pelos adventistas a partir da conexão com o texto de Joel 2:23, em que Deus promete derramar “em justa medida a chuva; [...] a chuva temporã e a serôdia”. As palavras *temporã* e *serôdia* indicam, a princípio, o regime de chuvas que caem no Oriente Médio durante o outono (setembro/outubro) e a primavera (março/abril). Desse modo, em sua aplicação imediata, a promessa estava relacionada com a restauração das chuvas que, para uma comunidade agrícola como Judá, resultaria em grande fartura, símbolo das bênçãos celestiais.

Contudo, quando consideradas sob uma perspectiva profética, as chuvas simbolizam a obra do Espírito Santo na história da igreja cristã: primeiramente no Pentecostes e, futuramente, para a “maturação da colheita”, antes da segunda vinda de Cristo (*Comentário Bíblico Adventista*, v. 4, p. 1044).

O texto de Joel deixa claro que o cumprimento dessas promessas em seus dias seria resultado de um grande avivamento. O Senhor Se dirigiu a Judá por meio de sentenças como: “Tocai a trombeta em Sião” (2:1), “convertei-vos a Mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto” (v. 12), e “rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes” (v. 13). Nesse contexto, que faz alusões ao Dia da Expição, é inegável o protagonismo dos líderes espirituais da nação (v. 15, 17).

Se o primeiro “tocai a trombeta em Sião” (v. 1) era ordenado a um atalaia, com o propósito de advertir o povo sobre um perigo iminente, o segundo (v. 15) se dirigia aos sacerdotes, com o objetivo de promulgar “um santo jejum”, “uma assembleia solene”. À frente desse grande chamado nacional (v. 16) por arrependimento e reconsecração, os ministros do Senhor deveriam chorar e interceder pelo povo e suplicar a misericórdia divina (v. 17).



Devemos viver em íntima comunhão com Deus, para que nossas palavras e nosso exemplo levem nossas congregações a um patamar mais elevado de compromisso com o Senhor.”

Como resultado, Deus Se compadeceria de Judá e a prosperidade material e espiritual seriam vistas, porque Ele estaria “no meio de Israel” (2:27).

A história sagrada mostra que a consagração dos primeiros líderes cristãos foi uma condição determinante para que o Espírito Santo fosse derramado no Pentecostes, promovendo uma poderosa sementeira espiritual. O que poderia nos fazer pensar que no antitípico Dia da Expição, na iminência da colheita final, os ministros do Senhor teriam menor responsabilidade?

De fato, a espiritualidade da igreja nunca será maior do que a espiritualidade de sua liderança. Por isso, devemos viver em íntima comunhão com Deus, para que nossas palavras e nosso exemplo levem nossas congregações a um patamar mais elevado de compromisso com o Senhor. Ellen White foi direta ao afirmar: “É necessária uma reforma entre o povo, mas essa deve começar seu trabalho purificador pelos pastores” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 469).

Essa reforma demanda de nós a disposição para deixar o Espírito Santo nos moldar conforme Seu querer, ainda que isso seja dolorido e mexa com aspectos acariciados em nosso coração, muitos deles legítimos, que, de alguma forma, têm nos impedido de experimentar ao máximo a presença de Deus em nossa vida. Como também escreveu Ellen White, no contexto de reconsecração de líderes e membros, “cumprenos trabalhar para remover do caminho todas as pedras de tropeço. Temos de remover todos os obstáculos. Confessemos e abandonemos todo pecado, para que o caminho do Senhor seja preparado, para que Ele venha a nossas reuniões e comunique Sua preciosa graça” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 123). A pergunta é: quantos de nós se levantarão para responder positivamente a esse apelo de Deus? **TM**



William de Moraes

Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 Elemento essencial

Clodoaldo Tavares dos Santos

A eficácia ministerial será proporcional à condição espiritual do pastor diante de Deus

14 A chama do reavivamento

Alvaro F. Rodríguez

O que acontece quando um líder espiritual decide viver de acordo com a vontade de Deus

17 O altar da família

S. Joseph Kidder

A importância do culto familiar para o enriquecimento da espiritualidade do pastor

21 Tomado ou deixado?

Daniel Scarone

Um estudo sobre o significado de Mateus 24:40 e 41

24 Lições de Battle Creek

Alberto R. Timm

Quem se esquece do passado está condenado a repeti-lo

28 Em defesa da fé

Fernando Beier

A apologética como ferramenta para um ministério eficaz



10

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

27 Frases

32 Pastor com paixão

33 Em família

34 Recursos

35 Palavra final



17



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 91 – Número 542 – Mar/Abr 2019
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber e Alexandre Rocha
Programação Visual Thays Loia; Bruna Ribeiro;
Sandra Barbosa

Capa Thays Loia

Imagem da Capa © TinPong | Adobe Stock

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan;
Adolfo Suarez; Marcos Blanco;
Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; André Dantas; Edilson Valiante;
Efraim Choque; Everon Donato; Geraldo M.
Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Luis
Velásquez; Ralides Nascimento; Ronivon Santos;
Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5880 / 39617

Atitude indispensável

Você já escutou a voz de Deus? Conforme Paulo afirma em Hebreus 1:1 e 2, o Senhor sempre Se preocupou em falar com Seus filhos. O problema é que nem sempre estamos dispostos a ouvi-Lo. Certa vez, alguém disse que “falar de Deus é sempre bom, mas falar com Deus é muito melhor”. Creio que essa frase seria completa se tivesse o seguinte complemento: “Porém, escutar a Deus é indispensável”. Quem não ouve a voz de Deus fica sem rumo. Por isso, é necessário aprender a escutá-Lo por meio da reflexão pessoal, fazendo do momento devocional diário uma prioridade indiscutível. E por que devemos buscar o Senhor a cada dia?

Em primeiro lugar, porque somos humanos. Nunca devemos nos esquecer de que somos frágeis e temos uma natureza pecaminosa egocêntrica, inclinada a viver distante do Criador. Essa realidade é descrita em Apocalipse 3:14 a 22, na carta à igreja de Laodiceia. Enganamo-nos se pensamos que a causa do problema dessa igreja seja a mornidão. Em realidade, a mornidão é uma consequência do verdadeiro problema, que se torna evidente no versículo 20: Jesus está do lado de fora da igreja. Resta-nos então perguntar: Quem está dentro? Em grego, o versículo 17 repete três vezes o pronome pessoal eu... O grande problema dos membros de Laodiceia: “[Eu] estou rico, [eu] adquiri riquezas e [eu] não preciso de nada” (NVI). Uma vez que o eu é nosso maior inimigo e nosso desafio é vencê-lo, necessitamos abrir nosso coração diariamente ao Senhor Jesus.

Quando isso acontece, temos uma experiência semelhante à de Paulo, que afirmou: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20, NVI). Precisamos renunciar o eu dia a dia para que Jesus possa viver em nós. Do contrário, Ele ficará fora de nosso coração.

Em segundo lugar, porque somos pastores. Pedro afirma que o pastor deve ser modelo do rebanho (1Pe 5:3). Desse modo, devemos evidenciar que passamos tempo com Deus a cada dia. Além disso, necessitamos beber continuamente da fonte de salvação, pois somente assim poderemos ser revestidos da autoridade e do poder que envolvem o cumprimento da grande comissão.



Nenhum homem é maior do que sua vida de oração. Diga-me quanto um homem ora, e eu direi quanto ele é grande diante de Deus.”

Quando Pedro foi abordado por um aleijado mendicante à porta do Templo, em Atos 3, respondeu com autoridade: “Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!” (v. 6). Observe o jogo de palavras: “não possuo” e “o que tenho”. Está claro que ninguém pode dar o que não tem. Pedro deu o que tinha: a presença de Cristo e o poder que vem Dele. Só assim pôde ofertar cura e salvação.

Em terceiro lugar, porque somos líderes. Um líder é alguém que tem a capacidade de influenciar, tanto para o bem quanto para o mal. Desse modo, precisamos nos perguntar: Que tipo de influência estamos sendo para aqueles que estão ao nosso redor?

Todo pastor é líder porque tem poder de influência, e isso serve para discipular seus seguidores. A grande comissão está intimamente ligada à liderança, porque não há meio de se fazer discípulos sem a capacidade de influenciá-los. Assim, como influenciadores, devemos compreender que é imprescindível que sejamos influenciados diariamente por Deus, para que possamos refletir o caráter Dele aos demais. Necessitamos ser como o girassol, que se volta sempre para a direção do Sol e tem sua forma semelhante à do astro-rei.

Ellen White afirmou: “Todos quantos se acham sob as instruções de Deus precisam da hora tranquila para comunhão com o próprio coração, com a natureza e com Deus. Neles se deve revelar uma vida não em harmonia com o mundo, seus costumes e práticas. É-lhes necessário experiência pessoal em obter o conhecimento da vontade de Deus. Devemos, individualmente, ouvi-Lo falar ao coração” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 58).

Conforme disse Leonard Ravenhill: “Nenhum homem é maior do que sua vida de oração. Diga-me quanto um homem ora, e eu direi quanto ele é grande diante de Deus.” Qual é sua estatura espiritual? Decida hoje passar mais tempo em comunhão com o Senhor! **TM**



Divulgação DSA

Daniel Montalvan, mestrande em Missiologia, é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Sintonia com Deus

Fazer a “obra do Senhor” sem estar em contato pessoal com o “Senhor da obra” pode nos permitir ganhar um salário, mas provavelmente nos faça perder o Céu.

por Márcio Nastrini



Gentileza do entrevistado

Embora o tema espiritualidade permeie o trabalho do pastor em cada sermão pregado, cada visita feita, ou cada estudo ministrado, nem sempre o desenvolvimento da espiritualidade acompanha a dinâmica ministerial. Como pastores, corremos o risco de encarar nosso relacionamento com Deus de modo profissional, destituído de vida e intimidade com o Senhor que nos chamou para Sua obra. Refletir sobre essa condição é o propósito desta entrevista com o pastor Carlos Steger.

Nascido em lar adventista, o pastor Steger realizou todos os estudos primários, secundários e universitários em instituições adventistas. Coursou a graduação e o mestrado em Teologia na Universidade Adventista del Plata (UAP), Argentina, e obteve seu doutorado pela Universidade Andrews, Estados Unidos.

Durante seu ministério, foi pastor distrital, professor de Teologia, vice-reitor acadêmico e diretor da Faculdade de Teologia da UAP, além de ter servido como editor-chefe da Asociación Casa Editora Sudamericana. Casado com Ethel Mangold, o casal tem três filhos e cinco netos.

Qual tem sido sua experiência com a espiritualidade no ministério e por que considera importante esse tema?

Logo no início de meu ministério comprovei que, quando começava o dia em comunhão com Deus, tinha melhores experiências no serviço do Senhor. Isso não significa que as dificuldades e os desafios desapareciam milagrosamente. Entretanto, eu não estava sozinho para enfrentá-los e confiava em Deus, crendo que Ele Se encarregaria dos resultados. Por outro lado, também pude observar que frequentemente surgiam atividades ou situações que competiam com meu culto pessoal e se sobrepunham ao meu desejo de passar tempo com Deus.

Estou convencido de que é indispensável priorizar o relacionamento com Deus mediante a leitura reflexiva da Bíblia e a oração para ser um genuíno cristão, e ainda mais para ser um bom pastor. A função pastoral consiste, em primeiro lugar, em ajudar espiritualmente as pessoas, sejam elas membros da igreja ou interessados, a se achegarem ao Senhor. Não podemos dar o que não temos. Se o pastor não carrega suas baterias espirituais a sós com Deus, seu ministério carecerá de poder.

Quais elementos conspiram contra a espiritualidade do pastor?

Vivemos rodeados de estímulos externos que competem com a comunhão com Deus e tentam nos impedir de passar tempo a sós com Ele. Há coisas que são boas e úteis para o pastor, mas que geralmente tomam nossa atenção desde o amanhecer até o anoitecer, de tal maneira que se tornam prioritárias,

ocupando o lugar que Deus deveria ter em nossa vida. Por exemplo, as redes sociais e aplicativos digitais. Há poucos dias li que, em média, uma pessoa dedica seis horas por dia à Internet e às redes sociais. Creio que os pastores estão inseridos nessa realidade. Quando acordamos pela manhã, o que fazemos em primeiro lugar? Verificamos as redes sociais no celular ou buscamos a Deus em oração e leitura de Sua Palavra? Qual é a última coisa que olhamos antes de dormir? Os últimos e-mails que chegaram ou as mensagens de Deus? Isso sem contar as inúmeras vezes que verificamos o celular durante o dia. O problema não é a comunicação digital, mas o tempo que lhe dedicamos e a prioridade que lhe atribuímos.

neutralizam o desejo de estar em comunhão com Deus e obedecer-Lhe. Insensibilizam a consciência, de modo que o pecado pareça inofensivo e atraente. Muitas vezes se pensa que são simples entretenimentos, quando em realidade são agentes educativos eficazes a serviço do mal.

Como um pastor pode enriquecer sua vida devocional, de tal maneira que venha a experimentar um reavivamento pessoal?

Deus prometeu que podemos encontrá-Lo se O buscarmos de todo o nosso coração (Jr 29:13). Cada dia renovo minha determinação de buscar a Deus como o mais importante em minha vida. Isso significa meditar em Sua Palavra

pelo outro. Foi uma experiência que nos marcou espiritualmente. Embora tenham se passado mais de 40 anos, ainda guardo esse pequeno livro, repleto de frases sublinhadas e anotações nas margens. Já voltei a lê-lo várias vezes, sempre com o mesmo resultado: uma renovação espiritual.

Fazer o culto pessoal é fundamental. Contudo, é necessário também manter a espiritualidade ao longo do dia orando (conversando espontaneamente com Deus), cantando hinos e recordando passagens bíblicas animadoras. Tem me ajudado muito memorizar hinos cuja letra é particularmente significativa para mim, salmos e outras porções escolhidas das Escrituras. Cantar esses hinos e repetir essas passagens durante o dia, em voz baixa ou mentalmente, eleva meus pensamentos a Deus e me fortalece para enfrentar os desafios cotidianos.

A função pastoral consiste, em primeiro lugar, em ajudar espiritualmente as pessoas, sejam elas membros da igreja ou interessados, a se achegarem ao Senhor. Não podemos dar o que não temos. Se o pastor não carrega suas baterias espirituais a sós com Deus, seu ministério carecerá de poder.

Qual é o risco de o pastor limitar sua experiência espiritual ao conhecimento teórico das Escrituras? Como evitar essa condição?

Quando estava para viajar para a Universidade Andrews, a fim de cursar o doutorado em Teologia, um conhecido me disse: "Que ótimo! Você passará o dia todo estudando a Bíblia!" Com sinceridade, e uma boa dose de ingenuidade, ele pensava que os estudos doutorais seriam uma grande bênção espiritual. A verdade é que, se eu

tivesse dependido dos estudos teológicos para manter saudável minha vida espiritual, teria naufragado na fé. De modo semelhante, durante o período em que fui pastor distrital, tive que me esforçar cada dia para dedicar tempo à devoção pessoal mediante a oração e a leitura da Bíblia e dos livros de Ellen White.

Outro inimigo da espiritualidade é a secularização ou o mundanismo que nos cerca. A sociedade ocidental está longe de Deus, impregnada de maldade, sensualidade, violência, vícios e perversões. Os meios de comunicação em massa não são moralmente neutros. A maioria deles exerce uma poderosa influência contrária aos valores e princípios bíblicos. Enchem a mente e a imaginação das pessoas de tal maneira que

e orar antes de realizar qualquer outra atividade. Enquanto cursava Teologia, um colega me propôs que nos reuníssemos cada manhã, bem cedo, para ler *Caminho a Cristo*, compartilhar nossas reflexões e orar juntos. Nós nos encontrávamos no parque da Universidade, acompanhados somente pelo canto das aves. Líamos, compartilhávamos nossas dúvidas, convicções e resoluções pessoais e terminávamos orando um

Sem diminuir a importância das significativas contribuições ao conhecimento que os grandes teólogos têm

realizado, não basta ler e estudar *sobre* Deus. Precisamos estar em comunhão pessoal *com* Ele.

De que maneira a espiritualidade do pastor exerce influência sobre seu estilo de vida, seus relacionamentos, sua família e sua igreja?

A verdadeira espiritualidade é como um perfume que não se pode esconder. A pessoa que está em comunhão com Deus reflete, dentro de suas possibilidades, o caráter divino. Ao iniciar o dia submetendo sua vontade a Deus, seu estilo de vida se moldará cada vez mais ao que o Senhor tem revelado. Ao experimentar a cada dia o divino amor perdoador e restaurador, suas relações humanas serão tingidas com o verdadeiro amor, tanto na família quanto na igreja, e também na comunidade.

O que um pastor pode fazer para incentivar o crescimento espiritual das igrejas que lidera?

Em primeiro lugar, diariamente buscar o Senhor de todo o coração para que seu exemplo, inclusive inconscientemente, motive os membros a se achegarem a Deus.

Em segundo lugar, preparar e pregar sermões bíblicos que alimentem espiritualmente a igreja. Não sermões superficiais, que parecem mais destinados a entreter do que a reavivar, mas mensagens que transmitam a vivência pessoal do pastor com Deus. Somente o sermão que me ajudou poderá ajudar os demais a crescer espiritualmente.

Em terceiro lugar, motivar os membros a se alimentarem diariamente da Palavra de Deus. Isso inclui ensinar-lhes, de forma simples e prática, a fazer o culto

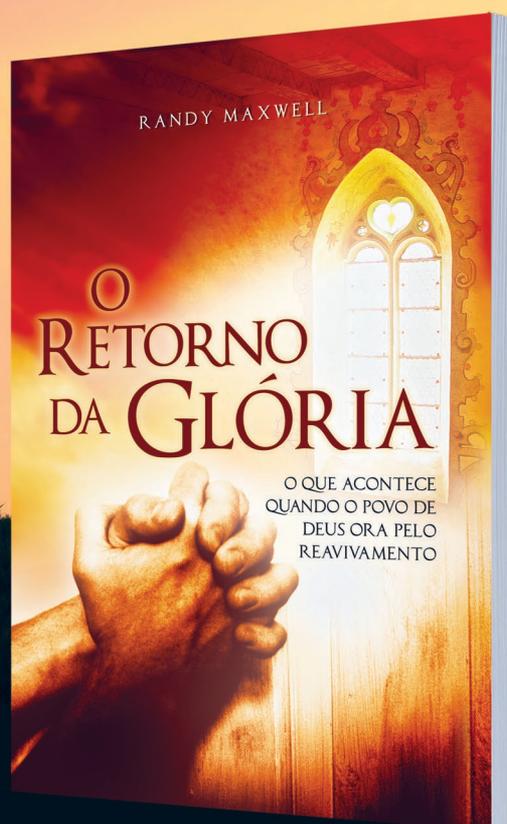
pessoal e familiar e a estudar a Bíblia para conhecer mais e melhor a Deus e Sua vontade.

Que conselho o senhor daria para pastores que muitas vezes se veem mais preocupados com a “obra do Senhor” do que em contato direto com o “Senhor da obra”?

Sei por experiência que essa é uma das maiores tentações que enfrentamos como pastores. Fazer a “obra do Senhor” sem estar em contato pessoal com o “Senhor da obra” pode nos permitir ganhar um salário, mas provavelmente nos faça perder o Céu. Deus só poderá nos usar para salvar outros se estivermos em comunhão pessoal com Ele. Lembrem-se das palavras de Jesus: “Sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5, NVI). **IM**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Enquanto
Ele não vem
prepare-se



MKT CPB | Fotolia

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | [WhatsApp](https://www.whatsapp.com) 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Elemento **essencial**

A eficácia ministerial será proporcional à condição espiritual do pastor diante de Deus

Clodoaldo Tavares dos Santos

Em meu último ano na faculdade de Teologia, ganhei o livro de Richard Exley intitulado *Perigos que Rondam o Ministério*. Nele, o autor adverte contra a lascívia e o poder, duas das principais ameaças que cercam a vida do pastor. Entretanto, penso que, apesar de seus efeitos danosos ao exercício do pastorado, a lascívia e o poder estão longe de ser comparados aos riscos de uma falsa espiritualidade, pois esta é exatamente a porta que nos leva a trilhar as veredas de todos os outros perigos.

Podemos nos enganar pensando que, devido ao fato de a natureza do trabalho pastoral envolver aspectos espirituais e sobrenaturais, isso seja garantia de uma espiritualidade saudável. Outro engano seria presumir que a grandeza que

envolve o ministério da pregação seja proporcional ao nível espiritual em que supostamente nos encontramos.

Vejamos o que as Escrituras dizem sobre a espiritualidade do ministro do Senhor e suas implicações a partir de exemplos do Antigo e Novo Testamentos.

Exemplos do Antigo Testamento

A primeira consequência do pecado foi o rompimento do ser humano com seu Criador, ocasionando uma condição de desarmonia espiritual. A Bíblia diz que Adão e Eva “se esconderam” de Deus. O verbo esconder em hebraico é *chava*, e pode também ser traduzido como “se ocultou” ou “se afastou”. Ele se encontra no modo *hitpael* incompleto. Esse detalhe ajuda a

compreender a natureza real da ação do primeiro casal. Assim, o tronco verbal indica que o sujeito realiza uma ação cujos resultados se voltam contra si mesmo. Nesse sentido, o ato de se esconder se voltou contra o próprio casal, pois, a partir dali, Adão e Eva viveriam continuamente fugindo da presença do Senhor. Por outro lado, por ser uma ação não concluída, existia a possibilidade de restabelecimento da relação, desde que o Senhor tomasse a iniciativa. E foi isso que ocorreu.

O ser humano, que originalmente desfrutava de uma relação natural com os Céus, experimentou uma inversão radical de seu relacionamento com Deus e Seu mundo.¹ John MacArthur descreve os efeitos dessa ruptura: Eles não mais se preocupariam com os pensamentos de Deus, mas apenas



com seus pensamentos (Sl 53:1; Rm 1:25); não mais teriam a visão espiritual, pois foram cegados por Satanás para que não vissem a glória do Senhor (2Co 4:4); não mais seriam sábios, mas tolos (Sl 14:1; Tt 3:3); não mais viveriam para Deus, mas estariam mortos em seus delitos e pecados (Rm 8:5-11); não mais amariam as coisas do Alto, mas as da Terra (Cl 3:2); não mais andariam na luz, mas nas trevas (Jo 12:35, 36, 46); não mais possuiriam a vida eterna, mas teriam de enfrentar a morte espiritual (2Ts 1:9); não mais viveriam dominados pelo Espírito Santo, mas pela carne (Rm 8:1-5).²

Portanto, a transgressão no aspecto espiritual foi, e continua sendo, a causa de todas as outras transgressões, inclusive as de cunho ético e moral. Ela provocou o sentimento de medo (Gn 3:10) e também atingiu as relações interpessoais. Assim, as conveniências humanas passaram a ter primazia, ainda que causem conflitos.

Como pastores, muitas vezes nos esquecemos de que estamos inseridos nesse contexto de rupturas e que, se elas começaram no âmbito espiritual, devemos procurar solucioná-las na mesma esfera. Se o chamado divino nos capacita a compartilhar as boas-novas de que é possível restabelecer o que foi quebrado no Éden, precisamos viver imersos nessa realidade. Devemos cuidar, pois paira sobre o círculo ministerial a ideia errônea de que “nosso desempenho é mais importante do que nossa pessoa, e de que nossa atuação é mais importante do que nossa condição diante de Deus”.³

De fato, os líderes bem-sucedidos do povo de Israel eram pessoas íntimas de Deus. Por exemplo, em Gênesis 6 o relato sagrado apresenta Noé. Ellen White afirma que o Senhor “enviou anjos a Noé para informar-lhe qual era Seu propósito a respeito dos habitantes do mundo antigo. O fiel filho da justiça declarou aos habitantes a mensagem segundo a qual cento e vinte anos marcariam o fim de seu tempo de graça.”⁴ Entre a maldade do coração humano e a alarmante extensão da corrupção humana apareceu a figura de um “pastor”.

Sobre Noé pesou a responsabilidade de apresentar uma mensagem específica para aquele povo, de ser o líder espiritual de sua família e daquela sociedade imediatamente antes do juízo do Senhor.

A narrativa bíblica referente ao patriarca aponta para a característica principal que se espera dos ministros do Senhor, num tempo que se assemelha aos dias de Noé (cf. Mt 24:37): “Noé andava com Deus” (Gn 6:9). A Bíblia evidencia ações divinas ativas e pontuais que demonstram o relacionamento próximo que Deus e Noé desenvolveram. Observe as expressões “Disse Deus a Noé” (Gn 6:13), “Disse o Senhor a Noé (Gn 7:1); “Disse também Deus a Noé” (Gn 9:8); “Lembrou-Se Deus de Noé (Gn 8:1) e “Abençoou Deus a Noé e a seus filhos” (Gn 9:1).

Todos os verbos hebraicos (dizer/falar, lembrar, abençoar) estão no incompleto. Dessa maneira, as ações divinas em relação a Noé eram contínuas devido ao relacionamento que eles estabeleceram. A obediência de Noé e o fato de ele ter erigido um altar ao Senhor revelam o perfil de um líder consagrado. A espiritualidade está relacionada com os valores verdadeiros e com as atitudes e os motivos corretos. Isso só é possível quando o pastor terrestre está em plena sintonia com o Pastor Celestial.

O Antigo Testamento apresenta uma galeria repleta de grandes líderes espirituais. Moisés, Josué, Samuel, Daniel, entre outros, só conseguiram desenvolver um ministério bem-sucedido porque se dedicaram a experimentar um relacionamento próximo com o Senhor.

Exemplos do Novo Testamento

Nas páginas do Novo Testamento, encontra-se também uma forte ênfase na vida espiritual dos líderes cristãos, tendo como exemplo supremo a vida do Salvador. O estilo de vida de Cristo atesta Sua espiritualidade. Apesar do vínculo essencial com o Pai (Jo 10:30; 12:45), há uma completa intimidade do Jesus humano com Deus, demonstrada pela prática contínua da oração

(Mt 26:39; Mc 1:35; Lc 5:16; 6:12; 9:18, 28; 11:1; Jo 17; Hb 5:17).

No período dos apóstolos é possível observar que as evidências da espiritualidade serviam para demonstrar que eles, a igreja e os fiéis estavam em sintonia com a santidade de Deus. Pedro, Paulo, Tiago, João e os demais pastores da igreja apostólica apresentaram frutos que indicavam um alto nível de espiritualidade em sua vida e seu ministério, de acordo com a comunhão que desenvolveram com o Senhor.

Paulo vinculou o êxito na liderança pastoral à disposição ininterrupta de estar conectado a Deus. Por exemplo, ao falar com líderes, ele não deixou dúvida de que a essência do seu pastorado era servir ao Senhor (At 20:19). O apóstolo tinha a percepção clara de que, como ministro, era um “servo” (*doulos*, no grego) do Supremo Pastor. Isso fica claro na introdução de várias de suas epístolas (por exemplo, Rm 1:1; Tt 1:1).

Essa compreensão não era exclusivamente paulina. Tiago também evidenciou que seu apostolado se fundamentava na consciência de que ele era um servo de Deus (Tg 1:1). O mesmo aconteceu com Pedro. Antes de se identificar como líder da igreja, em 2 Pedro 1:1, ele se apresentou como servo de Jesus Cristo.

Por sua vez, João se referiu a Cristo como o modelo de espiritualidade que os ministros devem ter: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam” (1Jo 1:1). Observe a declaração da manifestação histórica do Verbo, o próprio Cristo, e da certeza da presença Dele na vida de João, o idoso pastor. Os tempos verbais que ele emprega não deixam dúvidas: os verbos ouvir e ver estão no pretérito perfeito e indicam um estado real e presente, resultado de uma ação passada.⁵

Em 1 João 1:3, o apóstolo insere outro elemento: “o que temos visto e ouvido *anunciamos* também a vós” (grifo acrescentado). Além de ter visto e ouvido, João também afirmou que era seu dever

anunciar, proclamar, evangelizar e pregar. A proclamação do evangelho se torna realidade somente após uma experiência espiritual, real e genuína com Cristo.

Observe que a espiritualidade bíblica não implica um isolamento ascético nem uma perspectiva sacerdotal que destaca a presença e influência dos clérigos em meio às multidões.

Que lição fantástica as Escrituras deixam como legado para os ministros do Senhor nesses textos! Antes de servirmos à igreja de Deus, precisamos nos tornar servos Dele. Nossos vínculos eclesiais se demonstram genuínos quando primeiramente nos encontramos ligados ao Supremo Pastor. A espiritualidade dos líderes diante das igrejas do Novo Testamento se estabeleceu a partir da sujeição do pastor-servo ao Pastor-Líder. O êxito do ministro ocorrerá somente se ele estiver ligado à videira verdadeira (Jo 15:1-5).

Conclusão

Espiritualidade é uma qualidade de caráter que Deus requer de Seus ministros, uma necessidade do pastor e uma demanda da igreja. Não é possível

envolver-se em questões espirituais vivendo de modo carnal (1Co 2:12-14). Também não é possível tornar o reino celestial uma realidade em nossas igrejas se vivermos com os olhos voltados para as coisas terrenas.

Para desenvolver uma espiritualidade sadia é necessário romper com a *alterreferência* (tomar o outro como referência ou buscar atender as expectativas dos outros) e também com a *egorreferência* (tomar a si próprio como referência ou buscar atender suas próprias expectativas). A necessidade do ministério pastoral é o que se conhece como *teorreferência* (ser o que Deus deseja que sejamos). Em outras palavras, o Senhor é a única referência que pode reconduzir o ser humano à via da autenticidade.⁶ Somente um pastorado marcado pela *teorreferência*, sob os parâmetros da espiritualidade, poderá produzir os frutos esperados por Deus.

Por fim, presumo que diante das dificuldades da sociedade contemporânea e dos desafios inerentes ao ministério, precisamos de menos profissionalismo e mais espiritualidade, menos pastores profissionais e mais pastores vocacionados.

As conveniências, a impessoalidade e a autoconfiança que se revela nos sermões, nas famílias pastorais colapsadas e nas relações pastorais conflituosas devem nos despertar para a realidade da vinculação urgente do ministério pastoral com o ministério sacerdotal de Cristo. Creio que é chegado o momento de nos tornarmos ovelhas do Bom Pastor, a fim de que sejamos vistos como bons pastores pelas ovelhas de nossas igrejas. **M**

Referências

¹ John MacArthur, *Pense Biblicamente* (São Paulo: Hagnos, 2005), p. 55, 56.

² Ibid.

³ Donald E. Price, *Autenticidade ou Hipocrisia? A integridade e os desafios do ministério* (São Paulo: Vida Nova, 2001), p. 38.

⁴ Ellen G. White, *Manuscrito 86*, 1886.

⁵ Maximilian Zerwick e Joseph Smith, *Biblical Greek* (Roma: G & BP, 2011), p. 96.

⁶ Jonas Madureira, *Inteligência Humilhada* (São Paulo: Vida Nova, 2017), p. 194, 195.



Gentileza do autor

Clodoaldo Tavares dos Santos, mestre em Teologia, é professor da Faculdade Adventista da Amazônia

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



PREPARE-SE

PARA SE ENCONTRAR COM

Deus



Descubra as simples e profundas respostas que transformarão sua vida e despertarão em você o desejo pela presença de Deus.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



A chama do **reavivamento**

O que acontece quando um líder espiritual decide
viver de acordo com a vontade de Deus

Alvaro F. Rodríguez



“Quem foi o melhor rei do Antigo Testamento?” Se você fizer essa pergunta à igreja, certamente a resposta oscilará entre Davi e Salomão. Este último é conhecido como o mais sábio, mas não necessariamente o melhor da história. Por sua vez, Davi é considerado um modelo, a ponto de outros reis serem comparados a ele. Por exemplo, é dito a respeito de Acáz que ele “não fez o que era reto perante o Senhor, como Davi, seu pai” (2Cr 28:1); sobre Ezequias, porém, se declara que fez “o que era reto perante o Senhor, segundo tudo quanto fizera Davi, seu pai” (2Cr 29:2).

Esses textos parecem indicar que Davi tenha sido o melhor monarca do Antigo Testamento. Contudo, 2 Reis 23:25 declara a respeito de Josias que “não houve rei que lhe fosse semelhante, que se convertesse ao Senhor de todo o seu coração, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças, segundo toda a Lei de Moisés; e, depois dele, nunca se levantou outro igual”.

Essa afirmação exige uma explicação. Por que Josias é considerado o melhor de todos? O que ele fez para que o autor bíblico o considerasse dessa maneira? O que um pastor pode aprender da vida de Josias e da influência dele sobre o povo de Deus? Neste artigo, eu gostaria de analisar o contexto do reinado de Josias, como ele governou e quais foram os resultados de sua liderança.

Reavivamento pessoal

A primeira parte da narrativa descreve uma situação paradoxal. A Bíblia declara em 2 Reis 22:3 a 7 que o rei Josias promoveu a restauração do Templo de Jerusalém. Nesse processo, ocorreu um fato sem precedentes. Hilquias, o sumo sacerdote, disse: “Achei o Livro da Lei na Casa do Senhor” (v. 8). O livro da Lei perdido em sua casa? Conforme Deuteronômio 31:24 a 26, o livro da Lei deveria estar ao lado da arca da Aliança. O problema da nação nos dias de Josias era que as pessoas haviam se esquecido do livro da Lei. Isso resultou em

uma série de práticas que contrariavam explicitamente a Palavra de Deus.

Essa descoberta provocou um reavivamento na casa real e, em seguida, em toda a nação. Em 2 Reis 22:11, o autor bíblico explica que o rei escutou as palavras do livro da Lei e rasgou as vestes. Esse ato expressava profunda dor. Por exemplo, Jacó agiu da mesma forma quando recebeu a túnica de José banhada em sangue (Gn 37:33, 34). Jó, logo após perder suas posses e seus filhos, rasgou seu manto (Jó 1:20). Em ambos os casos, esses patriarcas rasgaram suas vestes em sinal de grande sofrimento. No caso de Josias, a atitude sucedeu a leitura das Escrituras. Como é possível que a leitura do texto sagrado tenha provocado uma reação tão intensa? A Bíblia pode causar dor no ser humano?

Para entender a atitude do rei é preciso compreender os eventos históricos. A descoberta do livro da Lei ocorreu em 621 a.C,¹ quando o exército da Babilônia assediava a Assíria e pretendia conquistar a Palestina. Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, começou sua trajetória vitoriosa em 626 a.C e, em 612, conquistou Nínive.² Foi nesse contexto que Josias ouviu pela primeira vez o livro da Lei. De acordo com as Escrituras, se Israel se distanciasse do Senhor para adorar outros deuses, uma nação distante invadiria a Terra Prometida e levaria o povo para o cativeiro.

Deuteronômio 28 declara que, como resultado da desobediência dos israelitas, “o Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o voo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; [...] Sitar-te-á em todas as tuas cidades, até que venham a cair, em toda a tua terra, os altos e fortes muros em que confiavas; [...] sereis desarraigados da terra à qual passais para possuí-la. O Senhor vos espalhará entre todos os povos” (v. 49, 52, 63, 64).

Evidentemente, Josias era consciente da situação espiritual em que se encontrava o povo, por isso rasgou as vestes. O rei temia que as palavras do livro da Lei se cumprissem.

Logo a seguir, ele consultou a profetisa Hulda, para saber se as maldições da aliança se cumpririam. Ela confirmou as palavras das Escrituras; no entanto, também anunciou que Deus, por causa da atitude humilde do rei, do enternecimento do coração e do rasgar das vestes, adiará o decreto celestial (2Rs 22:18-20).

Esse foi o início do reavivamento espiritual que ocorreu na vida do rei Josias. Fica evidente o papel fundamental que a Bíblia desempenhou nesse processo. Não existe renascimento espiritual sem o estudo das Escrituras Sagradas. Os ministros de Deus devem passar mais tempo com Sua Palavra, a fim de experimentar o reavivamento que só o Senhor pode realizar. Também é interessante notar o papel importante que o ofício profético desempenhou nessa narrativa. A profetisa Hulda confirmou a mensagem das Escrituras e exerceu influência sobre o rei para promover, mais adiante, uma reforma sem precedentes entre o povo de Deus.

Reavivamento coletivo

A resposta da profetisa Hulda deu início a uma série de ações que transformaram a atitude do povo. O rei mandou convocar todos os anciãos de Judá e Jerusalém. Em seguida, “subiu à Casa do Senhor, e com ele todos os homens de Judá, todos os moradores de Jerusalém, os sacerdotes, os profetas e todo o povo, desde o menor até ao maior” (2Rs 23:2). Ali, leu em voz alta todas as palavras do livro da Lei que havia sido achado no Templo do Senhor. Depois, fez um pacto diante de Deus, como representante da nação, comprometendo-se a segui-Lo, a guardar Seus mandamentos, testemunho e estatutos, de todo coração e alma, e a cumprir as palavras que estavam no livro da Lei. E todo povo anuiu à aliança (2Rs 23:1-3).

Assim, o reavivamento espiritual que o rei experimentou foi seguido por uma reforma que envolveu todo o povo. É importante destacar que essa mudança também foi guiada pela Palavra de Deus, uma

vez que todos decidiram ser fiéis à aliança do Senhor (2Rs 23:3).

O que se vê na sequência é uma série de reformas relacionadas com a vida religiosa da nação. Por muito tempo, as pessoas acharam que, por pertencerem ao povo escolhido, estavam seguras, independentemente de seu compromisso pessoal com a aliança divina. Contudo, ao terem conhecimento do livro da Lei, perceberam que pesava sobre elas a condenação predita em caso de desobediência aos preceitos do Senhor.

Desse modo, 2 Reis 23:4 a 24 descreve todas as reformas realizadas. Em primeiro lugar, Josias eliminou os elementos idólatricos que se achavam no Templo do Senhor. Tirou de lá os utensílios que não pertenciam ao santuário e eram usados na adoração a Baal, ao poste-ídolo e a todo o exército dos céus (v. 4); destruiu as acomodações dos prostíbulos culturais, onde se adorava a deusa Aserá (v. 7); e demoliu os diferentes altares espalhados em todo território de Judá (v. 8-15), inclusive aqueles que estavam em Samaria e Betel (v. 19). Além disso, agiu contra os líderes da adoração idólatra. O rei “destituíu os sacerdotes que os reis de Judá estabeleceram para incensarem sobre os altos nas cidades de Judá e ao redor de Jerusalém” (v. 5) e “matou todos os sacerdotes dos altos” que viviam em Samaria (v. 20). Por fim, eliminou os “médiums, os feiticeiros, os ídolos do lar, os ídolos e todas as abominações que se viam na terra de Judá e em Jerusalém” (v. 24).

Todas as reformas feitas por Josias foram fundamentadas nas orientações encontradas no livro da Lei (v. 2, 24). Sob sua liderança, tudo que contrariava as indicações bíblicas relacionadas com a verdadeira adoração a Deus foi eliminado. Contudo, a verdadeira reforma não está completa quando se elimina os elementos estranhos à verdadeira adoração, mas quando inclui o verdadeiro sentido da adoração. Sensível a essa

realidade, o rei ordenou “a todo o povo, dizendo: Celebrai a Páscoa ao Senhor, vósso Deus, como está escrito neste Livro da Aliança. Porque nunca se celebrou tal Páscoa como esta desde os dias dos juizes que julgaram Israel, nem durante os dias dos reis de Israel, nem nos dias dos reis de Judá” (v. 21, 22).

Três pontos da atitude do rei se destacam e devem ser aplicados em nossos dias. Em primeiro lugar, as reformas em favor da verdadeira adoração são promovidas por ministros que têm sido reavivados pelo estudo da Palavra de Deus. Em segundo lugar, uma mudança espiritual implica o estabelecimento da celebração da Páscoa como clímax da reforma. Finalmente, o ministro deve fazer o máximo possível para honra e glória de Deus.

O centro do reavivamento

A centralidade da celebração da Páscoa nas reformas de Josias é importante para entender o caráter de um reavivamento e uma reforma espiritual. A fim de compreender melhor esse assunto, é necessário analisar o significado da Páscoa no momento em que ela foi instituída. Nos dias do cativeiro egípcio, o Senhor Se manifestou de maneira poderosa em favor de Seu povo, executando Seus juízos contra o poder opressor do maior império daqueles dias.

Nove pragas já haviam caído, e Deus então declarou a Seu povo que deveria se preparar para finalmente sair da terra da escravidão (Êx 11, 12). Entretanto, os israelitas deveriam sacrificar um cordeiro sem mácula, de um ano, e passar o sangue do animal imolado nas ombreiras e na verga da porta de sua casa (Êx 12:3-7). O motivo para esse ritual era que, à meia-noite, o Senhor passaria pelo meio do povo, e o sangue do cordeiro seria o sinal para, em primeiro lugar, conservar com vida o primogênito daquele lar e, em seguida, libertar o

povo da escravidão no Egito. Essa é a Páscoa do Senhor (Êx 12:11, 12).

Entender esse evento da história de Israel nos permite compreender a natureza e o propósito último dos atos divinos em favor de Seu povo: a libertação por meio de uma provisão celestial, a saber, o sacrifício do “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Em harmonia com essa realidade, João, no Apocalipse, afirmou que a vitória é obtida somente “por causa do sangue do Cordeiro” (Ap 12:11). O apóstolo Paulo também declarou que “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Co 5:7).

O reavivamento e a reforma liderados por Josias são exemplos para pastores e igrejas da atualidade. À luz de 2 Reis 22 e 23, é importante destacar que o papel do líder espiritual é fundamental nesse processo. Em outras palavras, se o ministro não se importa com a espiritualidade, ele e o povo correm o risco de se perderem para sempre. Contudo, o desenvolvimento espiritual deve estar fundamentado no estudo da Bíblia e dos escritos inspirados. Como resultado, deve-se produzir um reavivamento (o desejo de seguir a vontade de Deus de maneira fiel e sincera) e uma reforma (mudanças nas práticas religiosas), eliminando condutas erradas e se entregando exclusivamente a Deus, por meio de Cristo, nossa Páscoa, como o centro da adoração e da vida religiosa. **TM**

Referências

¹ J. B. Graybill, “Judah, Kingdom of”, *The International Standard Bible Encyclopedia*, v. 2, ed. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), p. 1147.

² Paul R. House, *1, 2, Kings*, New American Commentary 8 (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1995), p. 354.



Gentileza do autor

Alvaro Rodríguez, doutor em Teologia, é professor da Universidade Peruana União

o altar da família

A importância do culto familiar para o enriquecimento da espiritualidade do pastor

S. Joseph Kidder



Em 2015 realizei entrevistas com 92 pastores. Vinte e três eram pastores de igrejas saudáveis e em crescimento (considerando um aumento de 3% no número de membros, de batismos e de frequência), e 69 eram pastores de igrejas estagnadas ou em declínio.¹

As entrevistas destacaram certas características comuns entre os pastores das igrejas em crescimento. Embora cada

uma fosse importante individualmente, foi a força conjunta delas que fez a diferença na liderança desses ministros. Eles mencionaram que o fundamento para um ministério pastoral sólido é resultado do relacionamento diário e contínuo com Cristo. Um pastor disse: “Tenho que fazer com que meu coração se aqueça com o doce fogo do Espírito, antes de me dedicar ao restante das atividades

do dia.” Outro enfatizou: “Preciso sentir a forte presença de Deus na minha vida, para que eu possa influenciar outros para Jesus.”

Quando perguntado quanto tempo passavam diariamente com Deus, os pastores responderam que investiam cerca de uma hora em oração, leitura da Bíblia e louvor ao Senhor. Além disso, muitos disseram que dedicavam mais

uma hora para interceder por suas igrejas, seus membros e suas comunidades. Eles também participavam de atividades como jejuns, retiros espirituais, cultos familiares e se envolviam com grupos de oração e pequenos grupos. Esses ministros se esforçavam para crescer em seu relacionamento com Cristo e motivavam suas congregações a fazer o mesmo. Eles admitiram que não podiam levar as pessoas à Fonte da Vida se primeiramente não bebessem Sua água.

Por outro lado, as entrevistas revelaram que os pastores das igrejas que estavam em declínio gastavam diariamente menos de meia hora com Deus. Eles sentiam que as responsabilidades e exigências do pastorado limitavam o tempo de comunhão com o Senhor e enfatizaram a necessidade de trabalhar com empenho e realizar uma boa gestão.

Uma das demandas com a qual a maioria das famílias pastorais tem lutado é a realização do culto familiar. De fato, esse foi um dos itens mais apontados pelas esposas de pastor. Muitas delas disseram: “Meu marido pode ser o líder espiritual da igreja, mas em casa não é bem assim!” Este artigo tem o objetivo de refletir sobre o propósito do culto familiar e como torná-lo relevante.

Basicamente, quatro componentes devem fazer parte do culto familiar: leitura, oração, louvor e comprometimento com a missão.² Toda família cristã deveria separar tempo diariamente para essa finalidade.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Barna dizem que 85% dos pais acreditam que são os principais responsáveis pelo desenvolvimento moral e espiritual de seus filhos.³ No entanto, entre os cristãos que frequentam a igreja, menos de 10% leem a Bíblia, oram (fora das refeições) ou participam semanalmente de algum serviço religioso com a família. Uma em cada 20 famílias realiza uma vez por mês algum tipo de culto no lar.⁴ Entre os membros ativos da Igreja Adventista do

Sétimo Dia, 40% das famílias não realizam o culto familiar,⁵ 27% realizam diariamente⁶ e 33% somente uma vez por semana.⁷

A adoração ao Senhor é primeiramente vertical, conectando-se com Ele por meio da oração, adoração e estudo da Bíblia. Depois, horizontal, conectando-se com pessoas por meio do testemunho, da evangelização e do serviço de acordo com os dons. Tudo deve começar no lar e envolver toda a família (Mt 22:37-39).

A seguir, desejo apresentar os propósitos do culto familiar e algumas sugestões para torná-lo mais eficaz e relevante. Essas ideias são o resultado de entrevistas que fiz com 21 famílias,⁸ sobre as melhores maneiras de realizá-lo.

Propósitos do culto familiar

Em primeiro lugar, o culto familiar tem o objetivo de permitir que os integrantes da família adorem a Deus juntos e aprendam mais sobre Seus caminhos. As crianças devem aprender a adorar o Pai Celestial desde seus primeiros anos, para que possam ter respeito por Ele quando crescerem. Elas precisam aprender a respeitá-Lo e reconhecê-Lo como Criador, Senhor, Salvador, santo e honrado em tudo o que dizem e fazem. “E vós, pais, [...] criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6:4). Adorar e reverenciar ao Senhor é benéfico para todas as idades. Isso traz unidade à família e torna seus membros mais unidos a Deus.

Em segundo lugar, o culto familiar ensina a família a honrar a Palavra de Deus, respeitá-la e colocá-la em prática em nossa vida. Tiago escreveu: “Tornai-vos, pois, praticantes da Palavra e não somente ouvintes” (Tg 1:22). O lar é um bom lugar para vivenciar essa exortação. “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus com salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vosso coração” (Cl 3:16).

Em terceiro lugar, o culto familiar contribui para o desenvolvimento da fé dos nossos filhos. O Instituto Barna constatou que 32% dos filhos de famílias cristãs aceitam Jesus como Salvador entre 5 e 13 anos de idade; 4% entre 14 e 18 anos e 6% após os 19 anos.⁹ Isso torna imperativo que as famílias façam tudo que podem para ser intencionalmente ativas na educação religiosa das crianças. Barna também observou que apenas um terço dos adolescentes entrevistados desejava permanecer na igreja após se tornarem independentes.¹⁰ Por outro lado, pesquisas mostram que as crianças cujos pais se preocupam com o desenvolvimento espiritual delas têm maior probabilidade de permanecer na igreja.¹¹

É desejo dos pais cristãos que seus filhos cresçam comprometidos com Cristo, desenvolvam padrões morais fundamentados na Palavra de Deus, deem testemunho positivo de sua fé na sociedade e que não somente levem a igreja a sério, mas tenham alegria em fazer parte dela. Paulo atestava o valor de conhecer as Escrituras desde cedo. Ele escreveu ao jovem Timóteo: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3:14, 15).

Em quarto lugar, a prática do culto familiar colabora para fundamentar a fé, as convicções pessoais e a doutrina na mente e no coração dos membros da família. Crianças, jovens e adultos precisam de convicções espirituais fundamentadas para enfrentar as lutas da vida. Precisam entender a razão de sua fé e conhecer as doutrinas bíblicas para que saibam em que acreditam e por quê. O lar deve ser a escola bíblica em que os filhos se preparam para combater a filosofia humanista e evolucionista da sociedade moderna.

Em quinto lugar, o culto familiar proporciona o momento para orar pelos

problemas, necessidades e pressões que a família enfrenta, a fim de que aprenda a confiar nos planos do Senhor. Cada pessoa tem suas próprias necessidades. É muito bom quando se pode compartilhá-las e, com o apoio dos familiares, buscar o auxílio divino. Todos temos necessidades profissionais, educacionais, relacionais, entre outras, que gostaríamos de ver supridas.

Adolescentes têm necessidades de fórum íntimo e odeiam expressá-las por medo de ser mal-interpretados ou constrangidos. Para eles, os problemas são enormes, e precisamos dedicar-lhes atenção especial. Os pais podem ajudar levando essas necessidades a Deus em oração. A família precisa aprender a confiar crendo que o Senhor ouvirá e responderá segundo Sua vontade. As crianças que aprendem a orar audivelmente em casa não terão dificuldade para orar publicamente na igreja, nas reuniões ou em outros lugares e circunstâncias, à medida que crescerem.

Em sexto lugar, o culto familiar incentiva seus participantes a orar e interceder pelas necessidades e provações de

outras pessoas e famílias. Além disso, motiva a interceder para que o Espírito Santo abra o coração e a mente das pessoas que precisam aceitar Jesus. Isso resultará em um desejo crescente pelo exercício do ministério e cumprimento da missão.

Finalmente, o culto familiar ajuda a encontrar maneiras relevantes de ministrar na igreja, no lar e na sociedade. Quando uma família assume um projeto, isso contribui para sua unidade e permite que Deus use seus membros para abençoar o mundo. Por exemplo, sua família pode adotar uma família carente para orar por ela e ajudá-la durante alguns dias nas férias. Pode disponibilizar a casa para estabelecer um pequeno grupo de estudos da Palavra de Deus. Pode também prestar serviço voluntário em um asilo, orfanato ou compartilhar alimentos com os sem-teto. Pode ainda dar estudos bíblicos, visitar pessoas enfermas e outras famílias.

Culto familiar atrativo

Gostaria de sugerir algumas dicas para ajudar você a promover um culto

familiar atrativo. Isso deve ser praticado em sua casa e incentivado na igreja, a fim de que os membros também fortaleçam o altar da família.

Avalie sua espiritualidade. A autenticidade e o exemplo dos pais no culto familiar fazem com que os momentos passados ali resultem em experiências marcantes para os filhos. Se os momentos de adoração em família são importantes para os pais, os filhos também entenderão como importantes para si mesmos. O culto familiar eficaz começa fazendo de Jesus a prioridade na vida. Paulo disse: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11:1). Como pastor, sua família vê o que é importante para você. Se você mantém forte relacionamento com Cristo e vive Seu amor, os outros vão querer imitá-lo.

Torne o culto familiar prático. Mostre a relevância das Escrituras. Demonstre como viver à luz da Palavra de Deus, como as Escrituras podem ajudar a manter princípios corretos e ter uma cosmologia bíblica, como obter sabedoria a partir do texto sagrado, como tomar decisões para honrar a Deus e como resistir à tentação e perseverar na caminhada cristã. É assim que mudanças reais ocorrem.

Utilize métodos que sejam eficazes para todas as faixas etárias. Idades diferentes têm interesses diferentes e o que pode atrair um, não atrairá o outro. Varie o método para evitar que o culto familiar seja entediante e rotineiro. Todos devem participar e se interessar para que a monotonia não o mate. “Pais e mães, tornem a hora do culto intensamente interessante. Não há razão para que essa hora não deva ser a mais agradável e jubilosa do dia. Com um pouco de preparo, será possível torná-la cheia de interesse e proveito. De tempos a tempos, deve ser introduzida alguma mudança.”¹²

Torne-o interessante. Faça com que os momentos do culto familiar sejam alegres e cheios de entusiasmo, para que a família o aguarde com expectativa. Não faça dele um tempo entediante, lendo capítulos



inteiros da Bíblia que estão além da compreensão dos participantes e arrastando a família ao proferir uma oração longa, vazia e rotineira. Se eles experimentarem tal amargura, certamente irão abominar o culto familiar!

“O pai e, em sua ausência, a mãe, deve dirigir o culto, buscando um trecho das Escrituras que seja interessante e de fácil compreensão. Convém que o culto seja breve. Se for lido um capítulo extenso e feita uma oração longa, o culto torna-se cansativo e, ao terminar, tem-se sensação de alívio. Deus é desonrado quando a hora da adoração se torna insípida e enfadonha, quando é tão tediosa, tão destituída de interesse que as crianças lhe têm horror.”¹³

Seja breve para que consiga atrair a atenção. Procure ser sucinto e prático para que os participantes, principalmente, as crianças, não se dispersem. É melhor que o culto seja curto, agradável e convidativo, para que, ao terminá-lo, fique um desejo de “quero mais”. Quanto à sua duração, 10 a 15 minutos são suficientes.

Todos devem participar e se envolver. Os que podem ler devem se revezar na leitura. Nas orações, as crianças devem ter oportunidade, ainda que seja para dizer algumas palavras. Ensine músicas que todos consigam cantar. Deixe alguns minutos para responder perguntas e tirar dúvidas. As crianças, especialmente, são curiosas e querem saber mais sobre questões bíblicas. Toda participação deve ser respeitada e precisa de atenção.

Não gaste tempo com críticas. Não existe nada pior para estragar o ambiente do que desviar-se do objetivo para fazer críticas diversas. Não é hora de falar dos problemas da igreja, exceto questões que necessitam de oração. Lembre-se de que é a hora do culto.

Deixe as crianças dirigirem o culto ou parte dele. Deixe-as fazer e se expressarem do seu jeito. Isso despertará o

interesse delas. Também é uma excelente maneira de desenvolvê-las espiritualmente e inspirar-lhes autoconfiança. Elas devem ser sempre encorajadas no que fazem ou dizem.

Faça o culto no momento em que for mais conveniente para todos. Logo pela manhã, antes do desjejum ou após a refeição da noite são os momentos mais apropriados. Ellen White aconselha: “Em cada família deve haver um tempo determinado para os cultos matutino e vespertino. Quão apropriado é reunirem os pais em redor de si os filhos, antes de quebrar o jejum, agradecer ao Pai celestial Sua proteção durante a noite e pedir-Lhe auxílio, guia e proteção para o dia! Quão adequado, também, em chegando a noite, é reunirem-se uma vez mais em Sua presença, pais e filhos, para agradecer as bênçãos do dia findo!”¹⁴

Conclusão

Procure ser intencional e consistente no culto familiar. Torne-o interessante, prático, cristocêntrico, relevante e participativo. Logicamente haverá alguns desafios como diferença de idade dos filhos, menor comprometimento por parte do pai ou da mãe, pais que não se sentem competentes para ensinar e crianças que são resistentes ao culto familiar. No entanto, quanto mais os pais demonstrarem amor e comprometimento com Cristo e viverem os ideais cristãos, mais interesse os filhos terão. Não há substituto melhor para o exemplo de vida e testemunho dos pais que possa causar impressão maior em seus filhos.

Orem e intercedam sempre pelos filhos. Coloque-os nas mãos de Deus, e Ele cuidará deles. “Pela sincera e fervorosa oração os pais devem construir um muro em torno dos filhos. Devem suplicar, com plena fé, que Deus habite entre eles, e santos anjos os guardem, a eles e aos filhos, do poder cruel de Satanás.”¹⁵

Um irmão de igreja me disse que tem o costume de orar e jejuar por seus filhos e netos e dedicar a vida deles diariamente a Deus. Pela graça divina, todos estão nos caminhos do Senhor. “A oração de um justo é poderosa e eficaz” (Tg 5:16). Cria nisso! 

Referências

- 1 S. Joseph Kidder, *Moving Your Church: Become a Spirit-Led Community* (Nampa, ID: Pacific Press, 2015), p. 313, 314.
- 2 Ver Atos 2:42-47. “Em todos os projetos de pesquisa *Valuegenesis*, programas de ajuda à família ou atividades altruístas têm sido vistos como fatores estatísticos significativos para a edificação de uma vida cristã frutífera e o desenvolvimento de lealdade à Igreja Adventista do Sétimo Dia.” *Valuegenesis Update*, n. 4, 2012, p. 5.
- 3 George Barna, *Transforming Children Into Spiritual Champions: Why children should be your church's #1 priority* (Raleigh, NC: Regal Books, 2003), p. 77.
- 4 *Ibid.*, p. 78.
- 5 S. Joseph Kidder, *The Big Four: Secrets to a thriving church family* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2011), p. 128.
- 6 2009 Congregations Study for the North American Division of SDA, <<https://tinyurl.com/y9m6ng5g>>, acessado em 18/12/2018.
- 7 Kidder, p. 128.
- 8 Sete famílias pastorais, sete famílias de professores e sete famílias de membros locais.
- 9 George Barna, *Grow Your Church From the Outside In: Understand the unchurched and how to reach them* (Raleigh, NC: Regal Books, 2002), p. 45.
- 10 George Barna, *Real Teens: A contemporary snapshot of youth culture* (Raleigh, NC: Regal Books, 2001), p. 113.
- 11 Jerry W. Lee, Gail T. Rice e V. Bailey Gillespie, “Family Worship Pattern and Their Correlations with Adolescent Behavior and Beliefs”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, 1997, (36) 3, p. 373-381.
- 12 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 43.
- 13 *Ibid.*
- 14 *Ibid.*
- 15 *Ibid.*, p. 42, 43.



Gentileza do autor

S. Joseph Kidder, doutor em Ministério, é professor do Seminário Teológico da Universidade Andrews

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Tomado ou deixado?

Um estudo sobre o significado de Mateus 24:40 e 41

Daniel Scarone

Como estudantes da Bíblia, sabemos que existem regras para ler e analisar as Escrituras. Uma delas é que devemos seguir um processo estruturado de interpretação, caso o texto assim exija. Ao ler a carta de um familiar, geralmente não nos preocupamos com isso, porque conhecemos o escritor, e ele nos conhece. Podemos descobrir o significado da mensagem, mesmo que as palavras estejam mal-escritas, pois o relacionamento entre as partes torna mais fácil a interpretação. Contudo, quando há distância cultural,

contextual e linguística entre leitor e escritor, o processo de interpretação se torna indispensável.

Outro critério que precisamos levar em conta ao analisar um texto é considerar o que é óbvio e o que não é em seu significado. Por exemplo, Jesus viu Mateus na coletoria e o chamou, dizendo-lhe: “Segue-me” (Mt 9:9). Provavelmente, já tenha havido muitas explicações teológicas complexas para esse versículo, mas o contexto nos diz algo simples: Mateus deveria deixar tudo e seguir Jesus. Assim, além da

complexidade da explicação, há uma leitura simples refletida na “resposta” ao chamado, e o texto diz que ele deixou tudo e “O seguiu”. Esse é o significado literal e óbvio das palavras.

Um texto mal compreendido

Com isso em mente, chegamos a dois versículos bem conhecidos, mas compreendidos bem pouco: “Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a



outra” (Mt 24:40, 41). Muitas interpretações variadas e complexas são aplicadas a esses dois versículos. Entretanto, o que Jesus estava dizendo realmente? O contexto da passagem é a questão introdutória dos discípulos. “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século” (v. 3). Mateus 24 contém a resposta.

O texto em si é claro. As dificuldades de interpretação, porém, surgiram como resultado de explicações nunca antes defendidas por Jesus, como a ideia do “arrebato secreto”¹ que, embora atualmente seja popular, não existia no primeiro século. Contudo, quando essa doutrina passou a ser ensinada, muitos começaram a acreditar nela, inclusive no contexto adventista do sétimo dia. Então, para contrapor a ideia do “arrebato secreto”, alguns passaram a argumentar que o “tomado” representa aqueles que serão julgados e condenados. Esse ponto de vista, entretanto, precisa ser avaliado com mais detalhes. Afinal, qual é o significado da afirmação de Cristo?

Análise textual

A passagem afirma claramente que, na segunda vinda de Cristo, Ele vai levar algumas pessoas com Ele: “um será tomado” (v. 40). Essa é a leitura natural do texto, que se encaixa muito bem com João 14:2 e 3: “Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (ARA).

Assim, em primeiro lugar, o princípio da Bíblia como sua própria intérprete deve ser aplicado aqui. Isso significa que podemos encontrar ajuda na compreensão de textos difíceis usando outras passagens sobre o mesmo assunto que sejam mais claras.² Desse modo, Mateus 24:40 e 41 pode estar claramente

correlacionado com a promessa encontrada em João 14:3: “voltarei e vos receberei para Mim mesmo”.

Gerhard Hasel escreve: “Uma passagem difícil ou obscura não deve ser interpretada pela aplicação indiscriminada de outra passagem ou texto bíblico – um procedimento que só leva à confusão e contradição. No processo de uso do princípio da autointerpretação, comparar e interpretar passagem com passagem ou texto com texto, o estudioso deve ser guiado a estudar apenas as passagens ou textos que tratam do mesmo assunto.”³

Outro elemento na análise textual é como outras traduções apresentam o texto. Por exemplo, a Nova Versão Internacional diz: “E se Eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para Mim, para que vocês estejam onde Eu estiver” (Jo 14:3). Já a versão Almeida Atualizada traz o versículo da seguinte maneira: “E, se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos tomarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.” Na maioria das versões bíblicas, a tradução do verbo *paralambanō* expressa a ideia de “receber”.

Um terceiro elemento é a terminologia original. Em ambos os casos (Mt 24:40, 41; Jo 14:3), usa-se o verbo *paralambanō*, que significa “levar, tomar para si mesmo, unir a si mesmo”. Quando esse verbo é usado por Jesus, significa aceitação ou recebimento, não julgamento nem condenação.

O *Theological Dictionary of The New Testament* diz de *paralambanō*: “1. Com um objeto pessoal (somente Evangelhos e At.), ‘levar para si (ou consigo mesmo)’ (por exemplo, em comunhão íntima). Em declarações teologicamente significativas, é usado para se referir à recepção de Cristo pelo mundo, Jo 1:11, para a aceitação no reino de Cristo, 14:3; Mt 24:40s., cf. também Lc 17:34s.”⁴ O significado de receber, como uma comunhão íntima, também é compartilhado por J. P. Louw e Eugene Nida, Joseph H. Thayer e

William D. Mounce em seus dicionários de língua grega.

É evidente que o contexto apresenta uma divisão entre as duas palavras traduzidas como “tomados” e “deixados”. Por sua vez, a Vulgata Latina traduz *paralambanō* como *assumetur*, significando “ajuda”, “assistência” e “meios para ajudar”. Em contraste, traduz *aphietai* como *relinquetur*, ou “abandonar”.

Análise teológica

Em seu comentário sobre Mateus, William Hendriksen afirma: “O Senhor volta. De dois homens engajados no mesmo tipo de atividade, provavelmente trabalhando lado a lado no campo, um é levado. Ele é reunido pelos anjos para estar para sempre com o Senhor. O outro é deixado para trás, designado para a perdição eterna.”⁵

George A. Buttrick, em *The Interpreter's Bible*, diz: “Assim, dois homens trabalhando na mesma vala são divididos, ou duas mulheres trabalhando no mesmo moinho: um é levado, e o outro é deixado. Tomado e deixado são palavras com uma ampla e não catalogada variedade de significados: um ligado à alegria e, o outro, à destruição.”⁶

O *The Word Biblical Commentary* declara: “Aqueles que são tomados estão entre os eleitos, que os anjos do Filho do Homem devem reunir em Sua vinda (v. 31), enquanto aqueles que são deixados aguardam a perspectiva do julgamento.”⁷

W. Davies e Dale Allison, em *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, afirmam: “A primeira ilustração diz respeito a dois homens fazendo a mesma coisa; a segunda, a duas mulheres fazendo a mesma coisa. Os destinos divergentes mostram que o julgamento repentino de Deus anula similaridades externas. [...] Por que um é levado (note o presente expressivo) e outro é deixado não é declarado, mas os versículos ao redor fornecem a resposta:

um estava preparado, o outro não. [...] Mas os justos são levados para se encontrar com o Senhor nos ares? Ou os ímpios são separados pelos anjos e lançados no fogo? A primeira opção é a mais provável. (1) Em Mateus, *aphiēmi* geralmente significa abandonar ou deixar. (2) *Paralambanō* significa 'tomar (em segurança)' em [Mt] 2:13, 14, 20, 21. (3) A imagem de anjos levando os santos para se encontrarem com o Filho do Homem provavelmente fosse comum no cristianismo apostólico. (4) Nos versículos 37 a 39 [de Mt 24], os que foram levados (para a arca) são salvos, enquanto aqueles que ficaram para trás perecem.”⁸

Ulrich Luz diz em seu comentário sobre Mateus 24: “Em relação ao ‘tomado’, os leitores pensam naquele que foi levado para o Senhor, sobre quem acabaram de ler (v. 31) e com o qual estão familiarizados por seu conhecimento da tradição judaica e cristã. Quanto ao deixado para trás, pensam na condição de estar perdido, que vem da separação final de Deus (cf. v. 41). O mesmo é verdade para as duas mulheres que, provavelmente, sejam da mesma família, por estarem fazendo juntas suas tarefas domésticas. Uma é levada do moinho para Cristo, a outra fica para trás, e isso significa morte e destruição.”⁹

Por sua vez, *O Comentário Bíblico Adventista* declara: “Um será tomado. Do gr. *paralambanō*, cujo significado literal é ‘tomar para si’ ou ‘levar consigo’, usado nos papiros com o sentido de receber ou tomar para si artigos que lhe pertencem. *Paralambanō* é usado em Mateus 17:1, quando Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, e com eles subiu ao monte da transfiguração. Em Colossenses 4:17, o verbo é usado em relação a um ministro cristão que recebe a comissão evangélica. Em João 14:3, *paralambanō* é empregado ao Jesus receber para Si os discípulos que O esperam. Em contraste, ‘levou’,

em Mateus 24:39, vem de *airō* ‘levar consigo’, ‘remover’. Os salvos serão levados (v. 40) pelos anjos, que reunirão os ‘eleitos’ (ver em v. 31).”

“[...] O que Jesus quis dizer com ser ‘levado’ e ser ‘deixado’ é esclarecido pelo contexto. Aqueles que são deixados são os servos maus, que, em vez de continuar em suas atividades normais, após um suposto arrebatamento secreto, serão castigados e receberão sua parte com os hipócritas (v. 48-51).”

“Deixado. Do gr. *aphiēmi*, ‘mandar embora’, ‘dispensar’. O grego se opõe à ideia de que os justos serão deixados. Os justos são, literalmente, ‘recebidos’ e os ímpios, ‘dispensados’.”¹⁰

Ellen White escreveu: “‘Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra.’ ‘Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro’ (Mt 24:41, 40). Os justos e os ímpios devem estar associados no trabalho da vida. Mas o Senhor lê o caráter; Ele discerne quem são os filhos obedientes, que respeitam e amam os Seus mandamentos.”

“O observador pode não discernir a diferença, mas há Alguém que disse que o joio não deveria ser arrancado por mãos humanas, para não arrancar também o trigo. Deixai ambos crescer juntos até a ceifa. Então o Senhor enviará os Seus ceifeiros para arrancar o joio, e ajuntá-lo em molhos para ser queimado, enquanto o trigo é ajuntado nos celeiros celestiais.”

“Agora o joio e o trigo estão misturados, mas então, a única mão que os pode separar dará a cada um a sua verdadeira posição.”¹¹

Conclusão

A evidência de Mateus 24:40 demonstra que os “tomados” são aqueles que Jesus vai levar com Ele, conforme a promessa encontrada em João 14:3. O uso grego de *paralambanō* indica que os

“tomados” ou “recebidos” por Jesus são os salvos (ver 1Ts 4:17).

Apesar da popularidade da interpretação do “arrebatamento secreto”, relacionada a Mateus 24:40 e 41, uma leitura bíblica e contextual desses versículos expressa a grande verdade de que, enquanto os perdidos (os “deixados”), em última análise, enfrentam outro destino (Mt 24:28), os salvos (os “tomados”), quando Jesus vier, irão para casa, a fim de viver eternamente com o Senhor. **M**

Referências

- ¹ A ideia central da doutrina do arrebatamento secreto é que o cumprimento da última semana da profecia das 70 semanas de Daniel 9 ainda está no futuro. Essa doutrina também ensina que a igreja não passará pela grande tribulação. Ver Gerhard Pfandl, “The Rapture: Why it cannot occur before the Second Coming”, <<https://tinyurl.com/yblql7ay>>.
- ² Gerhard F. Hasel, *Understanding the Living Word of God* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1980), p. 76.
- ³ Hasel, *Understanding the Living Word of God*, p. 76.
- ⁴ Gerhard Kittel, ed., “C. παραλαμβάνω in the NT”, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 4 (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1967), p. 13.
- ⁵ William Hendriksen, *The Gospel of Matthew* (Londres: Banner of Truth Trust, 1973), p. 870.
- ⁶ George Arthur Buttrick, ed., *The Interpreter's Bible*, v. 7 (Nashville, TN: Abingdon Press, 1979), p. 553.
- ⁷ Donald A. Hagner et al., *Word Biblical Commentary Matt 14–28* (Dallas, TX: Word Books, 1995), p. 783.
- ⁸ W. D. Davies e Dale C. Allison, *A Critical and Exegetical Commentary on The Gospel According to Saint Matthew* (Edimburgo: T & T Clark, 1997), p. 383.
- ⁹ Ulrich Luz, *Matthew 21–28* (Mineápolis, MN: Fortress Press, 2005), p. 214.
- ¹⁰ Francis E. Nichol, ed., *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, v. 5 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 538, 539.
- ¹¹ Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 234, 235.



Daniel Scarone, doutor em Teologia, é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista no estado de Michigan, Estados Unidos



Lições de **Battle Creek**

Quem se esquece do passado
está condenado a repeti-lo

Alberto R. Timm

O que vem à sua mente quando ouve o nome Battle Creek? Da perspectiva sociopolítica, a palavra “batalha” poderia sugerir uma guerra importante que ocorreu em algum lugar dos Estados Unidos. Contudo, como observou James Nix, o confronto na cidade de Battle Creek foi somente uma briga entre quatro homens: dois topógrafos do governo norte-americano e dois índios Potawatomi. Do ponto de vista comercial, o nome Battle Creek está associado à Companhia Kellogg’s, poderosa empresa multinacional de alimentos, com sede nessa cidade.

No entanto, da perspectiva adventista, nenhuma outra cidade do mundo foi palco de tantos eventos significativos no desenvolvimento e na consolidação da Igreja Adventista do Sétimo Dia como Battle Creek. Ali você pode dar asas à sua imaginação e ver José Bates batendo à porta de David Hewitt, “o homem mais honesto da cidade”, para compartilhar com ele e sua família a mensagem adventista. Você pode imaginar Ellen White escrevendo, em 1858, sua visão do Grande Conflito, ou ainda os pioneiros da igreja escolhendo o nome “Adventista do Sétimo Dia”, organizando a Associação Geral, abrindo o Instituto Ocidental de Reforma de Saúde (mais tarde denominado Sanatório de Battle Creek), o Colégio de Battle Creek e reorganizando a estrutura da igreja na Assembleia da Associação Geral de 1901. Você também pode imaginar o espírito político e belicoso que culminou com estranhos “incêndios”, identificados por Ellen White como juízos punitivos de Deus.

O nome Battle Creek gera sentimentos variados para os adventistas do sétimo dia. Por um lado, nessa cidade a igreja venceu muitas batalhas e recebeu incontáveis bênçãos. Por outro, algumas tensões teológicas e conflitos pessoais terminaram em apostasias trágicas, como os casos de Dudley Canright, Franklin Belden, John Kellogg, Alonzo Jones e alguns outros. Como é possível que pessoas que amam o mesmo Senhor e leem a mesma Bíblia possam lutar umas contra as outras de maneira tão hostil?

O que leva alguém que defendeu a igreja a lutar contra ela e suas doutrinas? Quais lições podemos aprender de toda a história ocorrida em Battle Creek?

Em 1 Coríntios 10:1 a 10, Paulo fez uma reflexão sobre os 40 anos de peregrinação dos israelitas no deserto, e então acrescentou: “Essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas como advertência para nós, sobre quem tem chegado o fim dos tempos. Assim, aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia! Não sobreviva a vocês tentação que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel; Ele não permitirá que vocês sejam tentados além do que podem suportar. Mas, quando forem tentados, Ele lhes providenciará um escape, para que o possam suportar” (1Co 10:11-13, NVI).

O apóstolo incentivou seus leitores a se familiarizarem com a história do povo de Deus e tirar lições práticas dela. George Santayana (1863-1952) advertiu: “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo.” Sendo esse o caso, poderíamos fazer a seguinte pergunta: Estamos realmente interessados em ser inspirados e aprender com o nosso passado?

Permita-me destacar algumas lições que acredito serem muito significativas:

Nossa história, permeada por lutas e tensões, só pode ser entendida dentro da estrutura do grande conflito histórico-cósmico entre o bem e o mal.

Essa estrutura pode nos ajudar a desvendar alguns dos capítulos mais complexos de nossa história e deve nos auxiliar a perceber que a oração e a espiritualidade, por mais importantes que sejam, não implicam infalibilidade. O fato de que o Senhor falou por intermédio de Balaão (Nm 22-24), e Satanás tenha influenciado Pedro a negar a predição da cruz de Cristo (Mt 16:21-23), deve nos lembrar de que todos somos seres humanos frágeis, cuja força está somente no Senhor.

Nossa autoridade espiritual, acadêmica ou administrativa é diretamente

proporcional à lealdade que devotamos à Palavra de Deus.

O Espírito Santo concedeu à igreja diferentes dons, talentos e ofícios (1Co 12; Ef 4:11-16). Por isso, devemos respeitar nossos líderes (1Ts 5:12-14; Hb 13:17). Contudo, nossa autoridade não é inerente a nós. Ela deriva de Deus e Sua Palavra infalível.

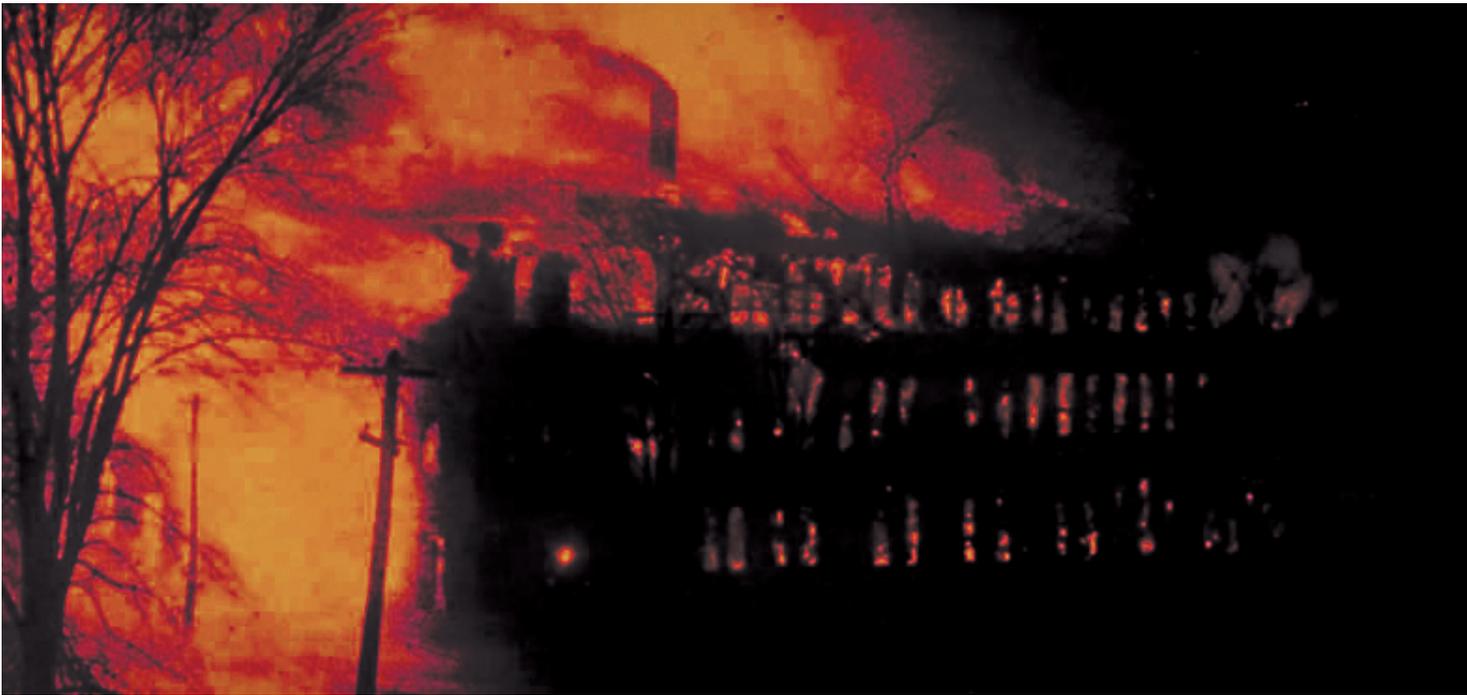
De acordo com Alister McGrath, “os reformadores argumentavam que a autoridade na igreja não deriva do *status* do portador do ofício, mas da Palavra do Deus ao qual o portador serve.”¹ Isso significa que minhas decisões e nossas decisões “são autoritativas na medida em que elas são fiéis às Escrituras”.

Nos escritos inspirados encontramos leis/normas, princípios e conselhos que devem permanecer como tais.

Crucial para a interpretação dos escritos inspirados – a Bíblia e os escritos de Ellen White – é identificar e distinguir entre (1) leis/normas, (2) princípios e (3) conselhos. Os liberais tendem a rebaixar as leis/normas ao nível de simples conselhos. Os fanáticos tendem a elevar os conselhos ao nível das leis/normas. Devemos consentir que cada uma dessas categorias permaneça como tal, sem transferi-las para um *status* ao qual elas não pertençam. Essa não é uma tarefa fácil, mas pode nos ajudar a evitar muitas tensões doutrinárias, teológicas e administrativas.

Muitas crises na igreja são agravadas pela tendência humana de exagerar as causas.

“Curvar madeira” é uma técnica de marcenaria na qual um pedaço de madeira é arqueado e curvado até que fique na forma desejada. Isso pode funcionar bem com pedaços de madeira, mas não em questões de verdade e princípios. Como afirmam William Struck Jr. e E. B. White, no clássico livro *The Elements of Style*, “quando você exagerar, os leitores se colocarão imediatamente em alerta, e tudo o que precedeu o exagero, bem como tudo que seguiu-o, gerará suspeita na mente deles, porque eles perderam



a confiança em seu julgamento ou sua postura”². E isso se torna ainda pior quando as pessoas acabam rotulando outras.

Devemos ser maduros o suficiente para lidar com assuntos extremamente controversos sem confundir as questões (que precisam ser abordadas) com as pessoas (que devem ser amadas).

No mundo competitivo em que vivemos, a tendência humana é minar a reputação de pessoas que não veem as coisas da nossa perspectiva. Tensões sobre pontos discutíveis podem facilmente se transformar em guerra de personalidades, com vencedores e perdedores!

Lembre-se de que até mesmo os discípulos de Jesus discutiram quem seria o maior entre eles (Mc 9:33, 34). E pior, dois dos discípulos se aproximaram Dele com um pedido político: “Permite que, na Tua glória, nos assentemos um à Tua direita e o outro à Tua esquerda” (Mc 10:37, NVI). Entretanto, Jesus respondeu: “Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Pelo contrário, quem quiser tornar-se

importante entre vocês deverá ser servo” (Mc 10:42, 43).

Jamais devemos nos esquecer da direção divina.

O Senhor nos confiou responsabilidades diferentes, e somos responsáveis por isso. Contudo, infelizmente, ao longo da história cristã tivemos pessoas que se comportaram como autoproclamados “salvadores” da igreja. Jamais devemos nos esquecer de que temos apenas um Salvador e Senhor, Jesus Cristo. Ele está conduzindo Sua igreja! “Os registros da história sagrada estão escritos não meramente para que possamos ler e nos maravilhar, mas para que a mesma fé demonstrada pelos servos de Deus no passado possa atuar em nós. O Senhor agirá hoje, de uma forma não menos notável, onde quer que haja corações cheios de fé para serem canais de Seu poder.”³

Em 1892, Ellen White escreveu: “Não há nenhuma necessidade de duvidar, de estar temeroso de que a obra não seja bem-sucedida. Deus está à frente da obra, e porá tudo em ordem. Caso haja coisas necessitando ser ajustadas na direção da obra, Deus cuidará disso e trabalhará para corrigir todo erro. Tenhamos fé que o Senhor

vai conduzir, em segurança, a nobre nau que transporta Seu povo para o porto.”⁴

Cerca de dez anos depois, ela escreveu para os ministros que estavam trabalhando entre os ex-escravos na região Sul dos Estados Unidos: “Surgirão dificuldades para provar sua fé e paciência. Enfrentem-nas com bravura. Observem o lado luminoso. Se a obra está em dificuldade, assegure-se de que não é por sua culpa, e então prosiga, regozijando-se no Senhor.”⁵ Faremos bem em seguir esses conselhos! **M**

Referências

- ¹ Alister E. McGrath, *O Pensamento da Reforma* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014), p. 122, 123.
- ² William Struck Jr. e E. B. White, *The Elements of Style* (Boston, MA: Allyn & Bacon, 2000), p. 73.
- ³ Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 175.
- ⁴ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 2 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 390.
- ⁵ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 7 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 244.



Gentileza do autor

Alberto R. Timm, doutor em Teologia, é diretor associado do Ellen G. White Estate

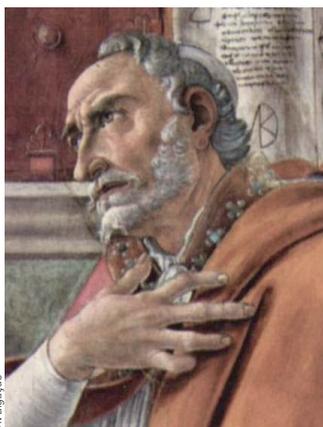
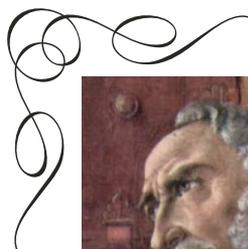
Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Divulgação

“Abraçar a fé cristã não implica cometer suicídio intelectual.”

Alister McGrath



Divulgação

“Tu nos fizeste para Ti mesmo, e nosso coração está inquieto enquanto não Descansar em Ti.”

Agostinho de Hipona



Divulgação

“Descobri em mim mesmo desejos os quais nada nesta Terra pode satisfazer. A única explicação lógica é que fui feito para outro mundo.”

C. S. Lewis



Divulgação

“Deus tem uma longa tradição de usar o insignificante para conquistar o impossível.”

Richard Exley

“Aquele que é capaz de entender que, em todo sofrimento humano, Deus Se faz presente sabe que conta sempre com Sua silenciosa companhia. Às vezes, a atitude mais sábia ante o silêncio de Deus é também o nosso silêncio.”

Roberto Badenas



© kieferpix / Adobe Stock



Em defesa da fé

A apologética como ferramenta para um ministério eficaz

Fernando Beier

Quando eu estava no último ano da faculdade de Teologia, durante um almoço com amigos surgiu um debate sobre fé e crença. Em determinado momento, alguém sugeriu: “E se Deus realmente não existir? E se estivermos acreditando esse tempo todo em um grande engano?”

A pergunta dele pegou todos de surpresa. Depois de algumas risadas, a conversa acabou tomando outro rumo, e ninguém se preocupou com aquilo. Contudo, aquele questionamento não saiu da minha mente nos dias seguintes. O que mais me incomodou foi saber que eu mesmo não tinha respostas tão convincentes para uma abordagem como aquela. Pensei comigo: e se me fizerem essa mesma pergunta, o que vou dizer?

Corri até a biblioteca e fiz uma rápida pesquisa. Busquei fundamentação para

responder as perguntas de meu colega e descobri o significado de uma palavra que antes tinha passado despercebida: apologética.

Apologética vem da palavra grega *apologia*, que significa algo como “apresentar uma razão”, ou simplesmente “defesa”. Naquele momento, percebi que algumas respostas rotineiras acerca de Deus e da fé poderiam não funcionar a contento. Eu precisava de um corpo de argumentos, algo mais robusto e sistematizado. Afinal, iria me tornar pastor, e qualquer pessoa poderia me abordar com perguntas intimidantes.

Foi exatamente o que aconteceu. Desde que iniciei meu trabalho pastoral, vez ou outra, alguém me aborda com questionamentos sobre a existência de Deus, o problema do sofrimento, a autoridade da Bíblia ou até mesmo a respeito da possibilidade dos

milagres. Nessas horas, a apologética tem sido para mim uma ferramenta útil e eficaz.

A razão e suas exigências

O filósofo cristão William Lane Craig alerta que, nos dias atuais, “há uma guerra intelectual acontecendo nas universidades, nas revistas especializadas e nas sociedades acadêmicas. O cristianismo tem sido taxado de irracional ou obsoleto, e milhões de estudantes – nossa futura geração de líderes – têm absorvido esse ponto de vista”.¹ O teólogo John Gresham Machen fez uma advertência ainda mais contundente quando afirmou que, se o cristianismo perder a batalha intelectual em uma geração, o evangelismo se tornará mais difícil na geração seguinte.²

Uma das coisas que o estudo apolo-gético me ensinou foi que, quase sempre,



buscamos explicações naquilo que é racional. Isso significa que, no contexto da religião, a razão solicita evidências suficientes para o desenvolvimento da fé. A apologética cristã trabalha com o exame e a apresentação dessas evidências. Essa busca é importante, saudável e essencial. Jesus afirmou que a procura e o conhecimento da verdade têm o poder de libertar (Jo 8:32).

Um exemplo bíblico do uso da apologética por um líder cristão é encontrado no relato de Atos 17. Paulo apresentou uma defesa racional para a existência de um Deus Criador na capital do conhecimento na época, Atenas. O esforço apologético do apóstolo abriu uma oportunidade para que o evangelho entrasse no ambiente fechado das crenças pagãs daquela importante cidade.

Em 1756, John Wesley escreveu um texto chamado “Um discurso ao clero”,

no qual argumentou que, além dos dons naturais, um ministro cristão deveria ter algumas habilidades adquiridas. Segundo ele, todo pastor precisa perguntar a si mesmo: “Estou familiarizado com as várias partes das Escrituras? [...] Conheço suficientemente as ciências? [...] Compreendo a filosofia natural? [...] Tenho conhecimento adequado do mundo? Tenho estudado as pessoas (bem como os livros), e observado seus temperamentos, máximas e costumes?”³

Pedro fez um apelo interessante: “Santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3:15). Como a apologética pode ajudar um pastor a atender essa solicitação bíblica?

O uso da apologética

Para ser um defensor eficaz da verdade bíblica é preciso entender que a apologética possui certas determinações para seu pleno funcionamento. Imagine que você se dirigirá a um grupo de pessoas (ou mesmo a um único indivíduo), para lidar com a seguinte indagação: “Por que a Bíblia é a Palavra de Deus, e não o Alcorão?” Você certamente perguntará a si mesmo: Por onde devo começar? O bioquímico e teólogo Alister McGrath apresenta três objetivos principais da apologética cristã e, com eles, tem-se um esboço de como fazer a defesa da fé.⁴

Defender. O apologeta tenta identificar primeiro quais são os motivos para a dúvida do interlocutor. Por meio de rápidas perguntas, pode-se descobrir o que se passa na cabeça da pessoa, quais são seus anseios e como ela reage a determinados assuntos.

Enaltecer. O apologeta apresenta então o “outro lado da moeda”, ou seja, as evidências contrárias (ou “diferentes”) àquelas que geraram a dúvida na mente da pessoa. Em seguida, enaltece essas evidências.

Traduzir. É o momento em que se faz uso das “ilustrações” que complementam a apresentação das evidências. Pode ser uma história, uma imagem familiar ou uma experiência da vida real. Isso fortalecerá o apelo racional do argumento apologético.

Tendo em vista que a apologética cristã trabalha com as evidências que reforçam um argumento, o pastor-apologeta deve conhecer bem de perto o sistema de defesa que vai utilizar. Norman Geisler apresenta alguns dos pressupostos da apologética evidencial:⁵

Evidência histórica. Muitas vezes os dados históricos proporcionam as provas que fazem o argumento encontrar sua força. Esses dados, quando oferecidos com cuidado e correção, serão quase incontestáveis.

Evidência arqueológica. Principalmente para quem defende histórias antigas, como aquelas do Antigo Testamento, as muitas descobertas arqueológicas podem comprovar a autoridade divina sobre a criação e a história.

Evidência experimental. Quando se encontra alguém que experimentou uma situação real de transformação, os argumentos partirão da teoria para a prática da verdade defendida.

Evidência profética. Não apenas uma profecia que explicará ou fortalecerá o argumento, mas um conjunto de profecias que se entrelaçam, apresentando uma narrativa coerente.

Limitações e possibilidades

O pastor poderá encontrar na apologética um grande auxílio para a defesa da fé, mas não deve perder de vista que se trata apenas de uma ferramenta, e ela não

é infalível. Certos detalhes acerca de Deus e da fé não encontrarão uma defesa unicamente racional. Usando uma analogia apresentada por Martinho Lutero, a fé é uma viagem que se faz de barco em direção a uma ilha no meio do oceano. A função da apologética cristã é demonstrar que o barco pode existir, e que é possível viajar nele se houver vontade de chegar à ilha. Contudo, no fim, é preciso a escolha da fé: a escolha de embarcar.

Para que o pastor consiga fazer uso da apologética com sucesso, precisará atentar para alguns detalhes importantes:

Orar por sabedoria. Não será nossa capacidade intelectual que tornará nossa apologética melhor nem pior. Precisamos do poder de Deus, reconhecendo nossa dependência do Espírito Santo.

Compreender a mensagem. A apologética exige dedicação e preparo. A leitura constante de obras de referência e o estudo profundo do assunto que se deseja defender são requisitos mínimos que se esperam de um pastor-apologeta.

Conhecer o interlocutor. Quem é ele? O que pensa sobre religião? Que leituras fez sobre a temática que gerou suas dúvidas? Ele está enfrentando dificuldades espirituais?

Falar com mansidão. Por vezes, mais do que uma explicação, nosso interlocutor deseja ser ouvido, receber alguma consideração. Se o pastor for atencioso, a mensagem poderá se tornar mais atraente.

Ensinar com paixão. Se o pastor não estiver completamente seguro de sua defesa, e a mensagem não arder em seu coração, então é melhor ficar em casa e orar pelo poder de Deus.

Acreditar no sobrenatural. Os argumentos e evidências podem contribuir para o entendimento racional, mas a transformação, da mente e do espírito, é trabalho de Deus. O pastor-apologeta ajuda a montar o quebra-cabeças, mas quem coloca a moldura na parede é Jesus Cristo.

Conclusão

O advento da internet mudou o mundo de muitas maneiras. Toda voz, seja ideológica, política ou religiosa, encontra no mundo virtual o espaço para ser ouvida e compreendida, bem como para ser confrontada. Todos que desejam podem colocar ali suas opiniões e idiosincrasias. No meio de tantas vozes, muitos cristãos não sabem distinguir o bom do ruim, a verdade do erro. Alguns são desafiados em suas crenças mais profundas.

William Lane Craig afirmou: “Sempre que falo em igrejas [...], constantemente me encontro com pais cujos filhos perderam sua fé porque não havia ninguém na igreja para responder suas perguntas”.⁶ Trata-se de uma constatação desoladora! Então, sinto-me em parte responsável pela luz que está deixando de chegar aos corações. Pergunto-me como pastor: “Será que nas igrejas que pastoreio estou deixando de apresentar uma defesa coerente e poderosa da fé? Sou um ministro que estará pronto para responder a todo aquele que me pedir a razão da esperança evangélica?”

É claro que não temos respostas para tudo, mas ao decidir ser um pastor-apologeta, podemos atender as demandas do ministério sem perder de vista a importância de defendermos racionalmente, e apaixonadamente, a verdade que liberta. **TM**

Referências

¹ William Lane Craig, *Apologética Para Questões Difíceis da Vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010), p. 16.

² *Ibid.*, p. 16.

³ *Ibid.*, p. 24, 25.

⁴ Alister McGrath, *Conversando com C. S. Lewis* (São Paulo: Planeta, 2014), p. 109, 110.

⁵ Norman Geisler, *Enciclopédia de Apologética* (São Paulo: Editora Vida, 2002), p. 62, 64.

⁶ Craig, p. 29.



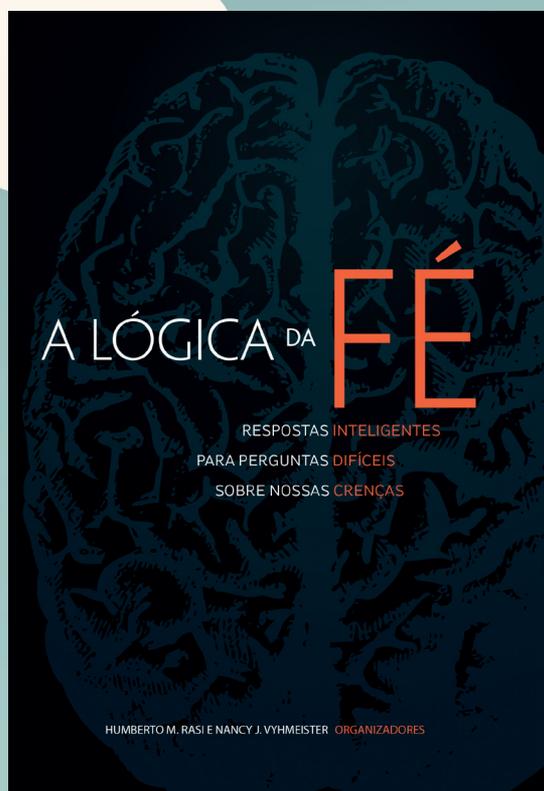
Gentileza do autor

Fernando Beier, mestre em Teologia, é pastor em Hortolândia, SP

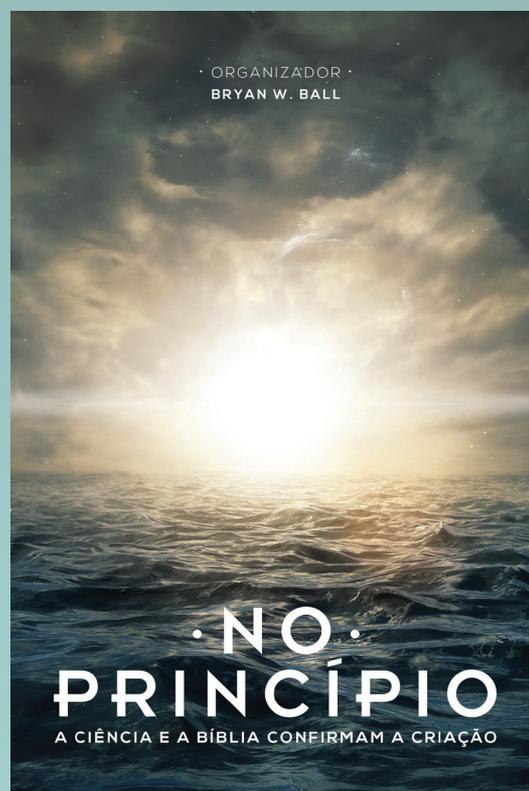
Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

DEFENDA SUA FÉ

com argumentos racionais



O que significa dizer que a Bíblia é inspirada? Fé e razão são compatíveis? Milagres são possíveis? Se Deus é bom e todo-poderoso, como pode permitir o sofrimento? Realmente importa o que creio, contanto que eu seja sincero? *A Lógica da Fé* contém vinte capítulos que respondem de forma inteligente, consistente e agradável a essas e outras perguntas.



Ao ler esta obra, você encontrará respostas honestas para dilemas cruciais enfrentados por criacionistas e evolucionistas no acalorado debate sobre as origens. Com uma abordagem séria e acadêmica, tanto quanto acessível, este livro renovará sua compreensão sobre esse tema polêmico.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | [WhatsApp](https://www.whatsapp.com) 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivriarias@cpb.com.br



/casapublicadora

O retorno improvável

Por três anos exerci meu ministério em Poços de Caldas, MG, no distrito Dom Bosco. Durante o período em que estive ali, vi muitas vidas serem transformadas pelo Espírito Santo, cujos frutos permanecem até hoje.

Jesmiel, Jonas e Jean foram criados em um lar cristão. Porém, com o tempo, abandonaram a mensagem cristã que tinham recebido na infância. Afastados de Deus e de qualquer assunto de natureza religiosa, afirmavam que nunca voltariam à igreja. De fato, eles demonstravam que estavam fechados a quaisquer tentativas de aproximação. Ainda me lembro de quando a mãe deles me contou, em lágrimas, sobre as lutas que tinha com os filhos, e me pediu que orasse por eles. Humanamente falando, pareciam inalcançáveis e completamente insensíveis. Contudo, aprendi que não existe distância inalcançável para nosso Salvador.

Em 2010, em uma manhã de sábado, Jonas teve um desentendimento com o chefe no trabalho e decidiu ir à igreja para acompanhar o culto. Isso era algo que ele não fazia desde que havia abandonado a fé. Para quem o conhecia, vê-lo em uma Igreja Adventista do Sétimo Dia novamente era algo totalmente inesperado!

Naquela manhã, preguei sobre o poder transformador de Cristo e, no apelo, convidei para que viessem à frente as pessoas que desejassem se reconsecrar a Deus. Tocado pelo Espírito Santo, Jonas se levantou e veio até mim. Ao sair, levava em seu coração o desejo de ser rebatizado e retornar aos caminhos do Senhor. Enquanto isso, Deus também atuava no coração de Jesmiel e Jean. Eles receberam uma visita de jovens adventistas que os conheciam do tempo de criança. Embora se mostrassem indiferentes a essa tentativa de reaproximação dos antigos amigos da igreja, o Espírito Santo trabalhava no coração dos dois irmãos.

Alguns meses depois, Jonas decidiu ser rebatizado. Quando fui visitá-lo para acertar os detalhes da cerimônia, por providência divina, encontrei-me também com Jesmiel e Jean, que, conforme me disseram posteriormente, faziam de tudo para fugir de pastor. Fui muito bem recebido pela família e começamos a conversar amigavelmente na sala de estar.

Quando fui preencher a ficha batismal de Jonas, senti que deveria fazer um convite especial para Jesmiel e Jean. Então, eu disse que desejava conversar com os três, reservadamente, na cozinha. Assentados à mesa de jantar, fiz uma oração e, na sequência, um apelo aos dois irmãos resistentes, a fim de que voltassem para os braços de Jesus.

Naquele momento, lágrimas brotaram dos olhos de todos nós. Era impossível conter a emoção. Continuei o apelo dizendo: “Sábado será o rebatismo do Jonas, mas também pode ser o de vocês. Eu não costumo fazer isso, pois acredito que as pessoas devem passar

por um período de preparação maior, mas não posso resistir ao que Espírito Santo me pede.” Jesmiel e Jean atenderam o convite e aceitaram ser rebatizados também.

Em 6 de novembro de 2010 fizemos uma surpresa para os pais desses rapazes. Eles esperavam que Jonas fosse rebatizado naquele dia, mas, ao olhar para o batistério, após o abrir das cortinas, viram os três filhos abraçados, prontos para reconsecrar a vida a Deus. Você consegue imaginar a emoção deles?

Lágrimas de gratidão se misturavam com as águas do batistério. Um milagre havia acontecido. Os pais os abraçavam enquanto os jovens estavam no tanque batismal. Houve emoção e alegria na igreja. Tayla, esposa de Jesmiel, participava pela primeira vez de um culto na Igreja Adventista. No fim da cerimônia, fiz um convite àqueles que gostariam de se preparar para um batismo futuro, e Tayla atendeu ao chamado. Meses depois, tive a alegria de batizá-la. Atualmente, ela e o esposo, Jesmiel, Jonas e Jean são líderes ativos da igreja em que congregam. O impacto da transformação na vida deles foi tão grande que familiares e amigos decidiram segui-los e se tornar parte do corpo de Cristo.

Para mim, ser pastor é ser apaixonado por Jesus e pela salvação de pessoas. Em nosso ministério, Deus nos dá o privilégio de ser instrumentos para a condução de pessoas para o reino do Céu. Sinceramente, acredito que nossa maior recompensa nos aguarda na eternidade. Naquele dia veremos a grande quantidade de pessoas que, por meio do nosso trabalho, viverão para sempre com o Senhor. Bendito seja Jesus! **M**

Marcos Rogério Andrade do Nascimento
é pastor em Juiz de Fora, MG



gentileza do autor

Educação e valores bíblicos

Valores são convicções profundas que guiam as pessoas em seu modo de ser e que condicionam seu comportamento. Em toda sociedade, os valores ajudam a construir interações harmoniosas e equilibradas entre os indivíduos que a compõem. Eles promovem um desenvolvimento saudável do ser e favorecem o bem-estar comum. Apesar de sua importância, muitos concordam ao declarar que a sociedade atual passa por uma crise em relação aos valores. De fato, alguns têm chamado isso de ausência ou perda de valores.

Em meio a essa crise, devemos buscar orientação na Palavra de Deus. A razão para isso é simples: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3:16, 17).

Onde deve começar o ensino dos valores aos filhos? “A educação começa em casa”, diz o ditado popular. Muitos pais não se envolvem na educação dos filhos, deixando para os outros essa responsabilidade. O pastor não está isento desse problema. Falta de tempo, viagens, cansaço e outras razões são as desculpas apresentadas. No entanto, dentro da estrutura do lar, os pais são os principais responsáveis pela transmissão dos valores. Ellen White aconselha: “É no lar que a educação da criança deve ser iniciada. Ali está sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, a criança terá que aprender as lições que a devem guiar por toda a vida – lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio. As influências educativas do lar são uma força decidida para o bem ou para o mal” (*Orientação da Criança*, p. 17).

Quando começar? Desde antes do seu nascimento, o cérebro da criança

está pronto para aprender. Como uma esponja, ela absorverá tudo o que puder, muito mais do que imaginamos. Por essa razão, o ensino de valores deve começar cedo. As primeiras atitudes da criança serão uma prova do que ela tem aprendido em casa.

Quais valores devem ser ensinados? Existe uma grande variedade de valores, e a escolha deles depende muito do contexto sociocultural em que estamos imersos. A Bíblia demonstra que o Senhor deve ser o centro da vida, pois Dele procede “toda boa dádiva e todo dom perfeito” (Tg 1:17). Assim, a tarefa de transmitir valores deve começar dando a Deus o primeiro lugar. De todos os dons celestiais, o amor é destacado como o mais sublime, pois define a essência do caráter divino (1Jo 4:8). Por esse motivo, Ele almeja que esse princípio governe a vida de Seus filhos, ao amarem a Deus, o próximo e a si mesmos (Mt 22:37-39).

A partir da revelação bíblica é possível compreender os valores que decorrem do amor e devem se expressar no dia a dia. Por exemplo, nas Escrituras se encontram as bem-aventuranças (Mt 5:3-11), a escada de virtudes de Pedro (2Pe 1:5-7), o fruto do Espírito (Gl 5:22, 23), os Dez Mandamentos (Êx 20), as máximas de Paulo (Rm 12) e sua concepção elevada a respeito do amor (1Co 13).

Como transmitir esses valores? Sugerimos que você procure pôr em prática as seguintes ações:

- Comprometa-se com a paternidade.
- Escolha os valores que deseja transmitir para seus filhos e viva esses valores.
- Dedique tempo de qualidade para estar com eles e aproveite para ensinar-lhes lições bíblicas.
- Delegue responsabilidades aos seus filhos de acordo com a idade deles.



© michaeljung | Adobe Stock

- Conheça seus filhos, respeite suas qualidades específicas, valorize cada iniciativa e esforço deles e expresse confiança.
- Troque opiniões com outros pais.
- Não use de violência física, verbal ou psicológica.

Concluindo, vale lembrar que o casal ministerial não deve somente ensinar os outros, mas aplicar os ensinamentos em casa. Precisamos imitar o exemplo de Ana, mãe do profeta Samuel, a qual, entendendo que seu filho era um presente de Deus, se comprometeu plenamente com sua educação. **M**



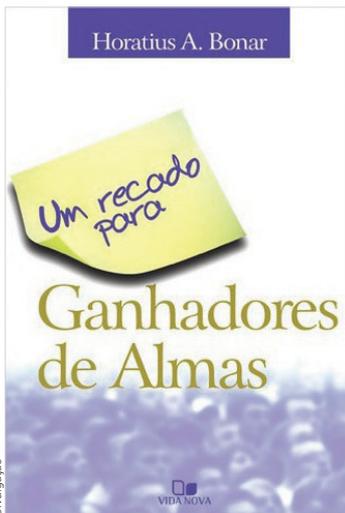
Cortezia do autor

Karl G. Boskamp, mestre em Teologia, é professor da Universidade Adventista del Plata



Cortezia da autora

Valeria Evangelina Flores, bacharel em Psicopedagogia, é psicopedagoga no Instituto Adventista del Plata



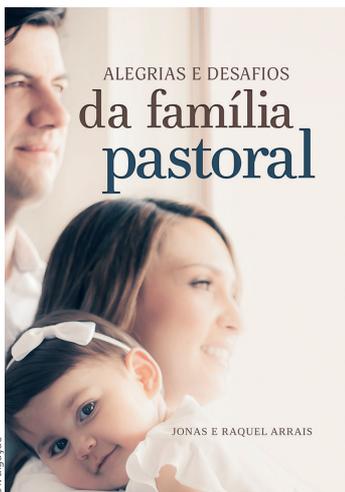
Um Recado Para Ganhadores de Almas

Horatius A. Bonar, Vida Nova, 2ª ed., 2007, 64 p.

Escrito por um ministro presbiteriano do século 19, esse pequeno e precioso livro contém uma mensagem sempre atual. Horatius Bonar foi pregador, compositor de hinos e evangelista. Seus conselhos para os ganhadores de almas são espirituais e profundos. Eles são impulsionados por um sentimento de urgência expressado em um de seus famosos hinos: “Vamos trabalhar, vamos nos gastar e desgastar”.

O “recado” do autor é apresentado em cinco capítulos breves: A importância de um ministério vivo; a verdadeira vida e o andar de um ministro; falhas do passado; confissão ministerial; e avivamento no ministério.

Um Recado para Ganhadores de Almas é a expressão da dedicação de um pastor à proclamação da Palavra de Deus. Nesta obra, não são apresentados métodos de evangelização ou algo parecido: a preocupação está voltada para a vida do ministro do Senhor.



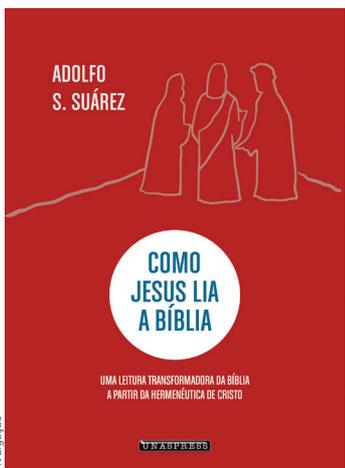
Alegrias e Desafios da Família Pastoral

Jonas e Raquel Arrais, Casa Publicadora Brasileira, 2019, 190 p.

Neste livro, Jonas e Raquel Arrais realizaram um excelente trabalho ao compartilhar conselhos práticos e sugerir ferramentas úteis para o casal pastoral. Seu objetivo é motivar o pastor e a esposa a transformar desafios e circunstâncias difíceis em oportunidades para desenvolver um ministério abençoado.

Ele inclui instruções valiosas de como educar os filhos dentro da dinâmica de uma família pastoral, destaca a alegria de servir juntos e as oportunidades maravilhosas que o ministério provê para toda a família e ainda analisa as diferentes fases e situações pelas quais os pastores passam ao longo do ministério.

As orientações e conselhos práticos são importantes, mas os autores também entendem claramente que, sem Jesus e o batismo diário do Espírito Santo, não podemos fazer nada de valor duradouro. Contudo, se temos Cristo, o poder do Espírito e a Palavra de Deus habitando em nós, podemos confiar, crendo que o ministério pastoral irá frutificar, glorificar o Pai, e nossa alegria será completa (Jo 15:7, 8, 11).



Como Jesus Lia a Bíblia

Adolfo S. Suárez, Unaspress, 2018, 164 p.

Quais cuidados e procedimentos metodológicos são apropriados para que a leitura bíblica fuja da subjetividade contemporânea? Quais são os procedimentos adequados para que a leitura bíblica seja oportuna ao leitor? Quais são os ensinamentos de Cristo como intérprete nesse aspecto?

Essas e outras questões são respondidas no livro recém-lançado pela Unaspress, *Como Jesus Lia a Bíblia*, de autoria do teólogo e educador Adolfo Suárez. O objetivo principal da obra é, a partir da atitude de Cristo como intérprete das Escrituras, encontrar princípios que ajudem o leitor moderno a estudar com profundidade a Palavra de Deus. Trata-se de uma ferramenta teórica e prática. Sua intenção é fundamentar, ensinar e promover a leitura bíblica dinâmica e atrativa.

Leia esta obra com a mente e o coração abertos, para que, neste mundo de tantas dicas e técnicas, a voz divina fale de maneira soberana, despertando o desejo de pautar toda a vida unicamente pelas Escrituras Sagradas.

O toque da fé

Era mais um dia no ministério de Jesus. Ele percorria as cidades, povoados e aldeias e, onde quer que ia, encontrava uma multidão que se aglomerava à Sua volta, mesmo que fosse somente para tocar Seu manto, como a mulher que sofria de hemorragia (Lc 8:43).

Foi justamente nesse momento que houve um diálogo muito interessante entre Jesus e Pedro: “Quem me tocou?” Da perspectiva humana, era uma pergunta absurda. E o racional e impulsivo Pedro não hesitou em responder: “Mestre, as multidões Te apertam e Te oprimem e dizes: Quem Me tocou?” (Lc 8:45). Entretanto, para surpresa de todos, Jesus afirmou: “Alguém Me tocou, porque senti que de Mim saiu poder” (Lc 8:46).

É claro que muitos haviam tocado Jesus. Muitos, inclusive, tinham contato quase constante com Ele, especialmente Seus discípulos, que naturalmente iam ao Seu lado. Provavelmente, o próprio Pedro tenha andado ombro a ombro com Jesus, “tocando-O” várias vezes, embora sem perceber. E nenhum daqueles que O haviam tocado recebeu “poder”, exceto aquela mulher.

Como pastores, de tanto cuidar de ovelhas corremos o risco de nos esquecer de que também somos ovelhas do “Supremo Pastor” (1Pe 5:4). Podemos trabalhar ombro a ombro com Jesus, assim como Pedro e os demais discípulos, “tocando-O” diariamente, mas sem que o poder Dele flua em nós como consequência desse contato.

“Muitos, mesmo nas horas de devoção, deixam de receber a bênção da comunhão real com Deus. Estão com demasiada pressa. Com passos precipitados apertam-se ao atravessar o grupo dos que têm a adorável presença de Cristo, detendo-se possivelmente um momento no recinto sagrado, mas não para esperar conselho. Não têm tempo de ficar com o Mestre divino. E com seus fardos eles voltam a seus trabalhos” (Ellen White, *Educação*, p. 260).

As ações da mulher que sofria de hemorragia não foram diferentes das ações do restante da multidão. O que fez a diferença, então? Por que ela recebeu o poder divino em sua vida e as outras pessoas, não?



A menos que procuremos Jesus reconhecendo nossa grande necessidade e sentindo sede pela água da vida, não experimentaremos Seu poder transformador em nossa vida.”

A diferença estava em seu anseio pela cura que somente Jesus podia lhe oferecer. “Naquele único toque, ela havia concentrado toda a fé de sua vida” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 343). O toque foi apenas uma expressão do anseio profundo que ela nutria por Cristo. A menos que procuremos Jesus reconhecendo nossa grande necessidade e sentindo sede pela água da vida, não experimentaremos Seu poder transformador em nossa vida.

Ellen White continua dizendo a respeito dos que passam poucos e apressados momentos na presença de Cristo: “Esses trabalhadores jamais poderão alcançar o verdadeiro sucesso antes que aprendam o segredo da força. Devem separar tempo para pensar, orar e esperar de Deus a renovação da força física, mental e espiritual. Precisam da influência enobrecedora de Seu Espírito. Ao recebê-la, terão o ânimo de uma nova vida. O corpo exausto e o cérebro cansado receberão refrigerio, e o coração oprimido ganhará alívio. [...]

“Uma agitação nunca antes vista está tomando conta do mundo. Nos divertimentos, em ganhar dinheiro, na briga pelo poder, na própria luta pela existência, há uma força terrível que absorve o corpo, a mente e a alma. Em meio a essa corrida insana, Deus fala. Ele ordena que nos afastemos e tenhamos comunhão com Ele. ‘Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus’” (Sl 46:10; *Educação*, p. 261, 260).

Você tem trabalhado ao lado do Senhor sem receber Seu poder? Você deseja receber algo mais? “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5:6). “Levantou-Se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7:37, 38). 



Gentileza do autor

Walter Steger, mestrando em Teologia, é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol

CONHEÇA O PASSADO

ENTENDA O PRESENTE

ALBERTO R. TIMM

DWAIN N. ESMOND

ORGANIZADORES

QUANDO DEUS FALA

O DOM DE PROFECIA NA BÍBLIA E NA HISTÓRIA

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora